



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
Centro de Educação e Humanidades  
Instituto de Psicologia

Loíse Lorena do Nascimento Santos

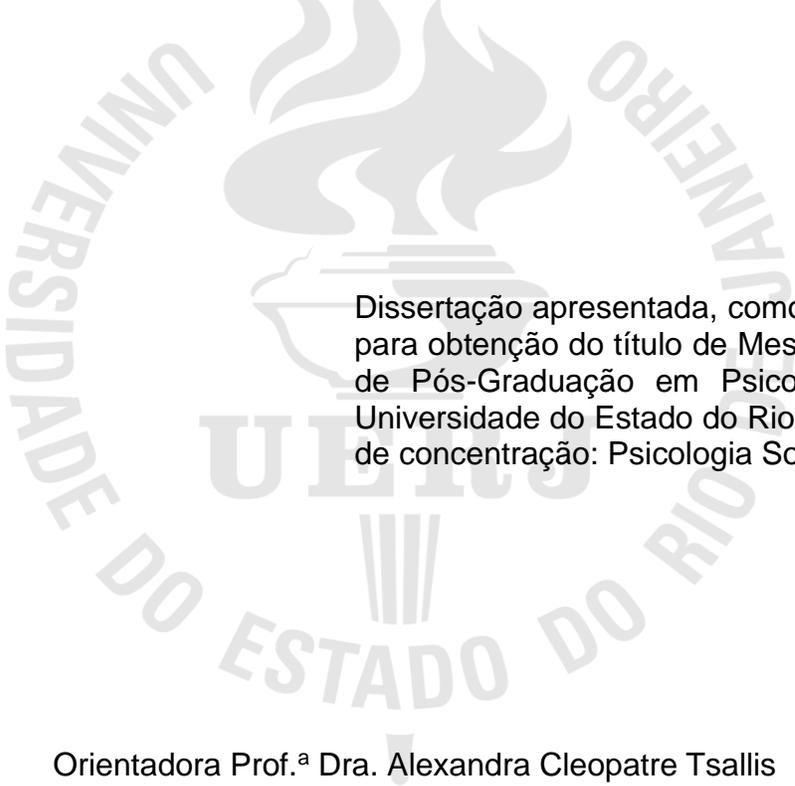
**Grupo de atendimento com-por pessoas negras: o afrofuturismo em  
ação**

Rio de Janeiro

2022

Loíse Lorena do Nascimento Santos

**Grupo de atendimento com-por pessoas negras: afrofuturismo em ação**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicologia Social.

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Alexandra Cleopatre Tsallis

Rio de Janeiro

2022

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S237 Santos, Loíse Lorena do Nascimento  
Grupo de atendimento com-por pessoas negras: afrofuturismo em  
ação/ Loíse Lorena do Nascimento Santos. – 2022.  
78 f.

Orientadora: Alexandra Cleopatre Tsallis.  
Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro.  
Instituto de Psicologia.

1. População negra – Teses. 2. Afrofuturismo – Teses. 3. Ubuntu –  
Teses. I. Tsallis, Alexandra Cleopatre. II. Universidade do Estado do Rio  
de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.

bs CDU 316.6

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação.

---

Assinatura

---

Data

Loíse Lorena do Nascimento Santos

**Grupo de atendimento com-por pessoas negras: afrofuturismo em ação**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Psicologia Social.

Aprovada em 22 de fevereiro de 2022.

Banca Examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Alexandra Cleopatre Tsallis (Orientadora)  
Instituto de Psicologia - UERJ

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Monique Araújo de Medeiros Brito  
Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB

---

Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Marília Silveira  
Universidade Federal de Alagoas - UFAL

Rio de Janeiro

2022

## DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação à toda população negra que luta e se reinventa todosos dias para sobreviver de maneira minimamente digna. Isso aqui de nóix por nóix!

## AGRADECIMENTOS

Ao meu Pai por todo amor, cuidado e força que me proporciona todos os dias, que não tem uma relação meritocrática comigo, mas que me olha com olhar de amor graça sem fim. Sem você nada seria possível. Te amo.

Vida, meu amor, pela parceria fundamentada no amor, preparado para sustentar todos os incômodos que é viver e se relacionar com uma mulher preta. Obrigada por todos os sims, também comidinhas e brigadeiros da madrugada e chameguinhos que desfrutamos com Kate.

Janaina, minha mãe, me construiu tão durona, forte e determinada. Isso me protegeu tanto até aqui. Com câncer e tudo mais que vier, seguiremos!

Valmir, meu pai, o modo silencioso como você sustenta tudo me ensina a ser menos quando tudo pede para eu ser mais.

Genilda, minha avó (em memória), eu vejo os olhos e posso te ler em todas estas páginas. Conseguimos mais uma vez!

Alexandra, minha orientadora, que no amor, se tornou uma pessoa do meu coração. Tua força, criatividade e animação com certeza estão em todas as páginas deste trabalho. Sem a tua pele, o teu cuidado, insistência e atenção este trabalho não seria possível na alegria.

Wendy e Maria Luíza, irmão e sobrinha, isso é muito de vocês também.

Ingrid, irmã, em cada ano encontrando formas diferentes de nos acolhermos e nos apoiarmos para seguirmos juntas.

Hebert, amigo, que privilégio trilhar a jornada acadêmica com você e receber um amor para a vida. Conseguimos! Estamos indo juntos!

Raiane, amiga-mentora, todos os teus incentivos, leituras, conselhos acadêmicos sempre fazem muita diferença em tudo o que estamos construindo. Eu sou porque você é.

Bianca Araújo, amiga, cada mensagem me acolhendo quando não estava bem, cada vídeo chamada em que pudemos chorar juntas me fortaleceu.

Família, quantos entraves, não é fácil ser uma família preta. Mas, seguimos! Camila e Marcus, o amor e apoio de vocês nunca é esquecido.

Larisse e Nallinha, o encontro que vocês me proporcionaram é indescritível.

Me sinto honrada de dividir parte deste caminho com vocês.

Wallace, cinco de maio, além das implicâncias, seu encorajamento e palavras de afeto sempre presente me fortalecem.

Monique, banca e amiga, a potência do nosso encontro é indescritível.

Tereza, banca e parceira, agradeço por todo cuidado disposto mesmo nos momentos mais desafiadores para ambas.

Marília, banca, agradeço pela parceria tão recente mas tão presente.

Laboratório afeTAR, o que estamos construindo é gigante assim como o suporte de vocês.

UNITED, o tanto que eu aprendo e souafiada por vocês me constrange em amor. As declarações feitas sobre este trabalho estão em cada linha.

COM-POR, grupo e equipe, obrigada por me proporcionarem uma experiência acadêmica completamente encarnada e enegrecida.

Pastora Thaise, sua coragem, ousadia, inteligência e sabedoria me inspiram. Liane, psi, grata pelo encontro e todos os efeitos deles.

Dan e Fer, esse encontro tão recente mas tão intenso me ajudou muito.

Todas as pessoas negras que atravessaram minha vida com suas histórias,

choros, risos, garra, força e sensibilidade.

Capes, agência financiadora, sem este apoio este trabalho não seria possível como foi.

Eu achei que não conseguiria escrever este trabalho.

Mas eu consegui.

## RESUMO

SANTOS, Loíse Lorena do Nascimento. **Grupo de atendimento COM-POR pessoas negras**: o afrofuturismo em ação. 2022. 78f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

Esta pesquisa tem por objetivo acompanhar os efeitos produzidos nos encontros do dispositivo COM-POR, como prática de cuidado e produção de vida entre pessoas negras como ação afrofuturista. Afrofuturismo, de acordo com Dery (1994) é a expressão artística de ficção científica com protagonismo negro. Com Nátaly Neri (2017), uma das compreensões deste movimento artístico é como uma proposição radical de que pessoas negras existem no futuro. Em 2002, como resultado de muita luta dos movimentos negros denunciando o racismo em diversas áreas do conhecimento, inclusive na saúde, a Psicologia enquanto ciência e profissão passa a ter uma resolução que estabelece normas para atuação das psicólogas e dos psicólogos a respeito do preconceito e da discriminação racial. Entretanto, quando comparamos a data destas resoluções e publicações com o estudo feito por Gouveia e Zanello (2019), percebemos que existe muito ainda a ser feito nesta área a fim de que políticas de cuidado em saúde mental da população negra possam ser ferramentas para nos fazer viver. Sendo assim, convocamos o campo, conceitos, autoras e autores para dialogar sobre como unir pessoas negras no campo da psicologia, na realidade Brasileira, pode produzir uma virada de transformação das histórias únicas contadas sobre psicologia e relações raciais. Encontrando outras possibilidades em que a psicologia deixe de corroborar com o sofrimento para tornar-se produtora de amanhã para as pessoas negras, contribuindo também com a formação de estudantes de psicologia ética, social e politicamente engajados com a luta antirracista.

**Palavras-chave:** Afrofuturismo; Ubuntu; População negra; Grupo; COM-POR.

## ABSTRACT

SANTOS, Loíse Lorena do Nascimento. **COM-POR service group for black people: Afrofuturism in action.** 2022. 78f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

This research aims to follow the effects produced in the meetings of the COM-POR device, as a practice of care and production of life among black people as an Afrofuturist action. Afrofuturism, according to Dery (1994) is the artistic expression of science fiction with black protagonism. With Nátaly Neri (2017), one of the understandings of this artistic movement is as a radical proposition that black people exist in the future. In 2002, as a result of much struggle by black movements denouncing racism in various areas of knowledge, including health, Psychology as a science and a profession began to have a resolution that establishes norms for the performance of psychologists and psychologists regarding prejudice and of racial discrimination. However, when we compare the date of these resolutions and publications with the study carried out by Gouveia and Zanella (2019), we realize that there is still a lot to be done in this area so that mental health care policies for the black population can be tools for us. make live. Therefore, we convene the field, concepts, authors and authors to dialogue about how uniting black people in the field of psychology, in the Brazilian reality, can produce a turning point of transformation of the unique stories told about psychology and race relations. Finding other possibilities in which psychology ceases to corroborate suffering to become a producer of tomorrows for black people, also contributing to the formation of ethical, socially and politically engaged psychology students with the anti-racist struggle.

**Keywords:** Afrofuturism; Ubuntu; Black population; Group; COM-POR.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CFP - Conselho Federal de Psicologia

CREPOP - Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas

CWUR - Center for World University Rankings

PROINICIAR - Programa de Iniciação

AcadêmicaSPA - Serviço de Psicologia

Aplicada

TED - Tecnologia, Entretenimento e

DesignUDF - Universidade do Distrito

Federal

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

	<b>ANTES DE MAIS NADA</b> .....	12
	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	22
1.	<b>O AFROFUTURISMO</b> .....	27
2.	<b>COM-POR: narrativa de sua emergência</b> .....	34
2.1	<b>Psicologia e Racismo</b> .....	44
3.	<b>COM-POR</b> .....	53
3.1	<b>Deslocamentos pandêmicos: com-por no plano virtual</b> .....	58
4.	<b>CUIDADO PARA QUEM?</b> .....	61
5.	<b>ESTARMOS JUNTOS</b> .....	66
	<b>CONCLUSÃO</b> .....	72
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	76

## ANTES DE MAIS NADA...

Este trabalho que você está prestes a acompanhar foi difícil de ser escrito. Produzir uma dissertação não é uma tarefa fácil. Me refiro ao fato de que ele é escrito por uma mulher negra, e isso, no Brasil, tem impactos que fazem com que pessoas como eu duvidem de sua capacidade. Somos questionadas o tempo inteiro em todos os espaços, até o ponto em que nós mesmas passamos a nos questionar. Nos questionar, inclusive, se deveríamos estar onde estamos, se este é o nosso lugar. Começo dizendo isto neste texto que escrevi para a qualificação, mas fiz questão de mantê-lo aqui. Mais do que iniciar a escrita, o conteúdo deste texto faz parte deste trabalho.

Minha sensação, esse sentimento de dúvida ou incapacidade, está muito próxima, do que a autora, artista, ativista social estadunidense bell hooks (1995) comenta ter recebido no texto "Intelectuais Negras". Tratam-se de cartas de mulheres negras em depressão por causa de questões intelectuais. Explica que em um mundo anti-intelectual é difícil afirmar que o trabalho intelectual produz grandes impactos nas mudanças sociais. "É essa desvalorização do trabalho intelectual que muitas vezes torna difícil para indivíduos que vêm de grupos marginalizados considerarem importante o trabalho intelectual, isto é uma atividade útil." (bell hooks<sup>1</sup> 1995, p.465). Facilmente esta poderia ser uma daquelas cartas. Apesar de passados mais de vinte anos, as questões tratadas lá são similares às aqui.

Após a publicação de sua primeira coletânea, bell hooks recebeu cartas de mulheres negras discutindo seu ensaio sobre as dificuldades que enfrentou como estudante universitária. Muitas cartas contando histórias de perseguição, de "depressão e desespero" que confirmavam que seguir uma carreira intelectual-acadêmica legítima ainda era uma tarefa muito difícil para mulheres negras. "É impossível que floresçam intelectuais negras se não tivermos uma crença essencial em nós mesmas no valor de nosso trabalho e um endosso correspondente do mundo a nossa volta para apoiá-lo e alimentá-lo." (bell hooks, 1995, p. 475)

---

<sup>1</sup> bell hooks afirma a grafia em letras minúsculas do nome que escolheu em homenagem à bisavó, como uma política de escrita que busca romper com as convenções linguísticas e acadêmicas. Manteremos desta forma na escrita deste texto respeitando o posicionamento da autora e reafirmando a necessidade de tal ruptura.

A partir de sua experiência, mencionando a inspiração que se nutre de negros em prisão, que utilizam do tempo para se educar para uma consciência crítica, bell hooks escreve para as mulheres que temem que a vida intelectual-acadêmica as aliene da vida em comunidade. Ao mencionar um escrito específico que recebeu de um homem negro dizendo que o trabalho dela o fez lutar para ser inteiro, bell hooks (1995) afirma que "Isso confirma que o trabalho intelectual pode nos ligar a um mundo fora da academia, aprofundar e enriquecer nosso senso de comunidade." Assegura que "O trabalho intelectual só nos aliena de comunidades negras quando não relacionamos ou dividimos nossas preocupações por miríades de interesses." (p. 476)

Aqui quem fala é uma mulher negra de 26 anos (prestes a fazer 27), carioca, que reside na Baixada Fluminense, em Duque de Caxias. Sou psicóloga (ainda dá um frio na barriga afirmar isso) e esse texto existe porque estou no mestrado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Eu confesso que nunca pensei no mestrado como uma alternativa. Aliás, eu nunca soube muito bem do que se tratava a vida acadêmica até estar prestes a concluir a graduação. Ainda assim, estou aqui e é importante sinalizar que seguir as atividades acadêmico-intelectuais têm sido um grande desafio. Por esse motivo acredito que esta carta se pareça com as que bell hooks menciona. bell hooks (1952-2021) foi muito importante para a escrita desta dissertação. Foi com ela que consegui destravar a escrita frente a muitos sentimentos de não pertencimento tanto da academia quanto da comunidade (família). Era uma referência negra viva e durante a escrita deste trabalho ela morreu, ficando viva em nós e em cada um dos escritos que deixou.

Abri esse documento às 1h18 da manhã e já são 3h24 da manhã. Não conseguiir muito adiante com esta escrita, é muito difícil começar este texto, assim como está sendo muito difícil seguir com o mestrado. Me formei em janeiro de 2020 e em março comecei o mestrado. Após uma semana de aula, o distanciamento social foi estabelecido por causa da pandemia do novo coronavírus, a *covid-19*. Além de todo caos que estávamos vivendo de maneira geral, socialmente, eu também lidava com um diagnóstico de câncer de mama dado à minha mãe.

Mesmo sendo uma mulher casada, neste momento eu morava com meus pais e meu marido, dividindo as contas. Entre todas as questões emocionais que envolvem esse tipo de diagnóstico, estávamos preocupados em como conseguir

um tratamento público, as despesas financeiras que isso geraria, entre outras coisas. Conseguimos tratamento pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em um hospital a 27 km de distância da nossa casa. Os custos para locomoção em um momento de pandemia se tornaram maiores do que planejamos.

Depois de muitas consultas e exames, o diagnóstico era de que o câncer estava evoluindo muito rápido e o tratamento precisaria ser radical, começando pela quimioterapia. Faltando 15 dias para começar a quimioterapia, mesmo com todos os cuidados possíveis, minha mãe pegou *covid-19*. Nesse momento, talvez abril de 2020, não havia testes e os hospitais estavam lotados. Os hospitais mais próximos da nossa casa estavam fechados e não estavam recebendo ninguém.

Os dias se passavam, os sintomas pioravam. Meu marido e meu pai conseguiam manter uma certa distância da minha mãe para não serem contaminados. Mas eu não. Com as atividades remotas eu ficava em casa o dia inteiro e cuidava da casa, da comida, assegurando que ela se movimentasse o mínimo possível pela casa. Os dias se tornaram piores, até ela não conseguir levantar da cama. Eu me mantive perto, realizando todos os cuidados como alimentação e medicação nas horas exatas — mesmo as da madrugada.

Enfrentamos dias em que minha mãe mal conseguia se levantar da cama para tomar banho sozinha. A respiração cansada se agravou e não tínhamos noção alguma da saturação do oxigênio que estava circulando em seu sangue. Recebemos atendimentos por telefone, mas não havia muito o que fazer além de seguir com a medicação e esperar a melhora. Ela aconteceu! Apesar dos dias difíceis, minha mãe se recuperou completamente e logo iniciamos a quimioterapia.

Passado o susto que vivemos, começamos o tratamento do câncer de mama: quimioterapia vermelha<sup>2</sup>, cortes de cabelo, lidar com a careca, quimioterapia branca<sup>3</sup>, cirurgia para a retirada de uma mama. Eu era a minha mãe toda. Me isolei não só do convívio com as pessoas mas também da interação, ainda que virtual. Falava com a minha orientadora que, antes, viveu também um

---

<sup>2</sup> A quimioterapia foi uma das etapas do tratamento indicado para tratar o câncer que minha mãe foi diagnosticada. Cada tratamento segue um curso específico do seu tipo de câncer e estágio. O que chamamos de quimioterapia vermelha trata-se dos medicamentos do grupo antraciclinas que possuem uma cor avermelhada. Os efeitos mais comuns são: náuseas e vômitos, alopecia (queda de pelos e cabelos), inflamação na região da boca, diminuição das células do sangue: anemia, queda no número de glóbulos brancos, entre outros.

<sup>3</sup> A quimioterapia branca trata-se de medicamentos que não possuem coloração. Os efeitos mais comuns são: ressecamento da pele, diminuição dos glóbulos brancos, diarreia, dores articulares, queda de cabelo, náuseas e vômitos, entre outros.

tratamento de câncer de mama e nos dava todas as dicas e suporte possível. No meio de tudo isso, estava o mestrado, mas onde?

No momento em que eu escrevo estamos em 2021, a *covid-19* ainda está matando muito no Brasil. Neste ano tivemos mais de 412 mil mortes por *covid-19* registradas<sup>4</sup>. Concluo este trabalho em 2022 os dados mais recentes apontam 638.048 mortes de acordo com o site do Ministério da Saúde<sup>5</sup>. O tratamento da minha mãe ainda segue, mas em uma intensidade menor. Olhamos para tudo o que vivemos e muita coisa mudou, muita coisa está em mudança, não apenas na nossa saúde, mas também na forma como nos relacionamos. Estou muito envolvida emocionalmente com questões familiares e tudo o que eu penso é o quanto tudo isso me tira desse lugar de acadêmica. Por isso é tão difícil escrever este texto. A perspectiva é que minha vida não comporta essa tarefa, essa posição, esse lugar.

É como se isso tudo me impedisse de viver a vida acadêmica. Mas, olhando para o nosso contexto, se eu tivesse vivido outras situações, com certeza eu ainda sentiria a mesma coisa: minha vida não comporta este título (?). Para Grada Kilomba (2016), mulher negra, escritora, psicóloga e artista são-tomense e angolana o "[...] conceito de conhecimento, erudição e ciência estão intrinsecamente ligados ao poder e à autoridade racial." (p.50). Neste sentido, questiona: qual conhecimento é reconhecido, como adquirir tal conhecimento, quem pode produzir esse conhecimento, quem está no centro e fora disso? Afirma a academia como um lugar branco, privilegiado, onde as pessoas negras não têm privilégio de fala. Tratando-se do Brasil, um país racista, no qual existe uma estrutura que faz com que seja impossível pessoas como eu chegarem até aqui, realmente é inacreditável que minha vida caiba nesse cenário. Ela não foi feita para caber. Desde então, como justificativa, pensamos que a culpa é da nossa vida, das coisas que acontecem, dos problemas que temos. Nos culpamos por barreiras que estão colocadas muito antes da elaboração do que queremos ou não fazer. Mesmo quando chegamos nos lugares que nos são negados, esse projeto também sucedido nos faz pensar que este lugar não é pra nós, que a nossa vida não cabe nisso. Esse projeto é tão bem sucedido, que termos consciência, conhecermos os diversos mecanismos projetados para que isso aconteça não nos impede de sentir tudo isso: de nos sentirmos incapazes, não merecedoras, não nos

---

<sup>4</sup> <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/brasil-encerra-2021-com-412-880-mortes-por-covid-19/>

<sup>5</sup> <https://covid.saude.gov.br/> Acesso em 14 de fevereiro de 2022.

blinda de viver esse transtorno. Aqui uso transtorno como uma efetiva perturbação de nossa saúde mental. Grada Kilomba (2016) escreve sobre como os espaços acadêmicos são violentos. Relata sofrer com uma série de mecanismos de silenciamento, ao dizerem muitas vezes que seu trabalho sobre o racismo cotidiano não é científico.

Eu acreditei que seria impossível viver isto, escrever este texto, seguir com o mestrado. Para mim, todas as coisas que eu estou vivendo me impedem de seguir neste caminho. Eu não sonhava com o mestrado, ao mesmo tempo, é como se não houvesse outro lugar para eu estar. Minimamente, eu sonhava em me formar e hoje eu estou aqui. É para eu estar aqui. Esta afirmação não é sobre minha vida e meus sentimentos, ela é totalmente política. Eu sou o futuro. Eu sou o futuro das meninas pretas e meninos pretos que estão na graduação, daqueles que estão tentando o vestibular, daqueles que estão no ensino médio. Eu sou o futuro dizendo para eles que a gente pode chegar, é possível. Eu sou o futuro! Dá para chegar até aqui. Assim como olho para tantas outras intelectuais, doutoras negras, e isso me possibilita vislumbrar que dá para chegar até lá.

A maior dificuldade era acreditar que eu precisava parar de viver o que eu estava vivendo para conseguir escrever, pesquisar, concluir o mestrado. Consegue perceber o quanto isto é violento? É assim, então, que encontro bell hooks (1995) falando da dificuldade de compreensão do papel das intelectuais e o quanto isso desvaloriza seu lugar, e faz com que grupos marginalizados tenham dificuldade em considerar o seu trabalho importante, como uma atividade útil.

Seguir na carreira acadêmica não foi uma escolha desde sempre. Meu objetivo era ter apenas uma graduação, e esse era o auge para mim, para minha família. Era a maior conquista que poderíamos imaginar, e batalhamos muito para isso. Essa busca se deu sobretudo na expectativa de ascensão social. É sobre viver, mais do que sobreviver. Entretanto, é como se tudo tivesse acontecido, convergido, para que eu estivesse aqui, no mestrado, neste momento, neste lugar. Minha mente insiste em dizer que não. bell hooks (1995) diz que a escolha por seguir no caminho intelectual "Para muitos de nós tem parecido mais um chamado que uma escolha vocacional. Somos impelidos até mesmo empurrados para o trabalho intelectual por forças mais poderosas que a vontade individual." (p.465).

Como uma mulher negra, criada por uma mãe, tias, avós negras, seguir

as regras era muito importante. bell hooks (1995) segue contando sobre sua comunidade onde se aprende cedo sobre as premiações das boas notas e o pensamento independente ser visto com desconfiança. Apesar de se tratar da realidade afro-americana, essa também foi a realidade que vivi. Pessoas negras precisam ser corretas e não dar nenhum motivo de desconfiança, porque já desconfiam sem motivos. Na busca exaustiva de ser perfeita, já não sendo só pela cor da minha pele e estrutura do meu corpo, eu fui ensinada e aprendi, com maestria, a seguir as regras.

Sempre fui comedida, seguia as regras, defendia as regras. Hoje batalho com os efeitos das regras para pessoas negras. Afinal, as regras que seguimos não são universais. Elas se diferenciam de acordo com a cor da sua pele. Em uma publicação no *Twitter*<sup>6</sup> Gilberto Porcidonio, homem negro, repórter e cientista social, em 2019 escreveu a seguinte frase "Se o racismo acabasse HOJE, o que você faria? Eu iria ao shopping de chinelo FÁCIL.". Essa publicação<sup>7</sup> teve mais de 50 mil curtidas, e mais de 2 mil comentários em que pessoas negras relatam que fariam coisas simples como ir ao shopping de chinelo, ter filhos, correr na rua, usariam o cabelo bagunçado, usariam o capuz do casaco.

Em um primeiro momento estas podem parecer coisas cotidianas de se viver, mas para pessoas negras não são. Existe um código de conduta cujo descumprimento vale a nossa vida. Descobrimos enquanto os nossos morrem. Por se tratar das pessoas negras, a branquitude diz que não existe.

- Em setembro de 2018, Rodrigo Serrano, homem negro, foi morto por policiais que confundiram seu guarda-chuva com um fuzil<sup>8</sup>. Em abril de 2019, Evaldo dos Santos Rosa, homem negro, foi morto pelo exército quando mais de 80 tiros foram disparados em seu carro onde sua família também estava<sup>9</sup>.
- Em janeiro de 2022, Moïse Kabagambe, homem negro, congolês refugiado, foi morto por uma sequência de agressões quando foi cobrar pagamento por

---

<sup>6</sup> O *Twitter* é uma rede social onde se pode publicar textos com até 140 caracteres além de fotos, vídeos e links. É também conhecida, pelo seu formato, como microblog.

<sup>7</sup> [https://twitter.com/\\_puppet/status/1200239653732978688?s=20](https://twitter.com/_puppet/status/1200239653732978688?s=20)

<sup>8</sup> <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2018/09/18/mp-apura-acao-de-pms-na-morte-de-garcom-baleado-no-chapeu-mangueira.ghtml>

<sup>9</sup> <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2019/04/07/homem-morre-apos-carro-ser-atingido-em-acao-do-exercito-na-zona-oeste-do-rio.ghtml>

seutrabalho<sup>10,10</sup>

- Em fevereiro de 2022, Durval Teófilo Filho, homem negro, foi morto por seu vizinho que o confundiu com um bandido<sup>11,11</sup>
- Em fevereiro de 2022, Hiago Bastos, homem negro, foi confundido com bandido ao vender bala<sup>12,12</sup>

Edith Piza (2003), mulher, psicóloga e pesquisadora sobre relações raciais, conceitua branquitude a partir dos estudos de Ruth Frankenberg, mulher branca, socióloga e pesquisadora do tema branquitude nos Estados Unidos. Para Frankenberg este conceito surge a partir da necessidade de se conhecer, estudar e analisar o comportamento das pessoas brancas antes de estabelecer uma intervenção no processo das relações raciais. Desta forma:

"Frankenberg vai definir branquitude a partir do significado de ser branco, num universo racializado: um lugar estrutural de onde o sujeito branco vê aos outros e a si mesmo; uma posição de poder não nomeada, vivenciada em uma geografia social de raça como um lugar confortável e do qual se pode atribuir ao outro aquilo que não atribui a si mesmo."

(FRANKENBERG apud PIZA, 2003, p.86; FRANKENBERG, 1995, p. 43).

Enfim, luto com a minha mente ensinada que esse lugar não é para mim. Sim, me ensinaram sem me dizer. "Eu sabia a importância de ser inteligente, mas não inteligente demais" (bell hooks, 1995, p.65). Fazer perguntas demais era convite a castigo. Bell hooks (1995) discorre também sobre o pensamento crítico ser usado a serviço da sobrevivência. É onde eu me situo, o modo como escolhi sobreviver. Eu sobrevivo escrevendo, para que pretos e pretas leiam e saibam que dá para ocupar no presente e no futuro. A gente pode estar aqui também, se isso faz sentido para nós. São modos de entender o nosso mundo, como ele funciona e com isso fortalecer ser fortalecida.

Avançando neste caminho com bell hooks (1995) chegamos em algo que tem sido crucial para mim: a "[...] compreensão de que a vida intelectual não precisa levar-nos a separar-nos da comunidade" (p.466). Essa tem sido uma das maiores dificuldades que enfrento ao escrever este texto. É como se a vida me sugasse e

<sup>10</sup> <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/01/31/moise-kabamgabe-o-que-se-sabe-sobre-a-morte-do-congoles-no-rio.ghtml>

<sup>11</sup> <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/03/morador-e-morto-por-vizinho-na-porta-de-casa.ghtml>

<sup>12</sup> <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/02/14/homem-e-morto-em-frente-a-estacao-das-barcas-em-niteroi.ghtml>

nãosobrasse nada para cá, exatamente porque eu não posso trazer a vida para cá. Então, se ela me toma por completo, eu preciso de um outro tempo, um outro momento para elaborar a realidade intelectual, acadêmica. A vida intelectual separada da comunidade, da família.

Como fazer isso enfrentando a pandemia da *covid-19* durante a qual precisamos ficar isolados em casa, somado ao fato de que minha mãe está em tratamento de câncer de mama e sou eu quem cuido dela? Eu deveria então parar minha vida intelectual durante o enfrentamento de tudo isso? Mas, como uma mulher negra, quem me garante que a ausência do vírus e do tratamento de câncer da minha mãe não abriria espaço para outras dificuldades cotidianas que me colocariam exatamente neste mesmo lugar?

bell hooks (2008) discute a linguagem como mecanismo para opressão nas relações de poder. Menciona o vernáculo negro<sup>1313</sup> frente ao inglês padrão a fim de propor outros usos da língua como emancipação dos povos oprimidos. Uma marca da escravização foi a retirada da língua das pessoas escravizadas. Desta forma a única língua possível era a do opressor, uma língua que as pessoas escravizadas não dominavam, sendo assim, elas não conseguiam se comunicar, se expressar tampouco interagir entre si. Esta reflexão surge para a autora a partir da frase “Esta é a língua do opressor, no entanto eu preciso dela para falar com você” de um poema de Adrienne Rich, mulher branca, poetisa e escritora. bell hooks (2008) diz imaginar o terror suscitado nos africanos ao ouvir o inglês, mas também imagina também o reencontro destas pessoas com esta língua compreendendo que ela precisava ser "possuída, tomada, reivindicada como um espaço de resistência. (p. 859)

"Nessa percepção estava a compreensão de que a intimidade poderia ser restaurada, de que uma cultura de resistência poderia ser formada de tal maneira que tornaria possível a recuperação do trauma da escravidão. Imagino, então, as pessoas africanas ouvindo pela primeira vez o inglês como “a língua do opressor” e então re-ouvindo-a como um local potencial de resistência. Aprender inglês, aprender a falar a língua estranha, era uma maneira de os escravos africanos começarem a recuperar seu poder pessoal dentro de um contexto de dominação. Possuindo a língua compartilhada, povos negros poderiam encontrar de novo uma maneira de fazer comunidade, e um sentido para criar a solidariedade política necessária para resistir."

(bell hooks, 2008, p.859)

---

<sup>13</sup> Inglês vernáculo afro-americano ou inglês do negro é uma variação do inglês desenvolvida por pessoas negras para comunicação entre si.

O povo marginalizado e oprimido encontrou no vernáculo, na fala rompida, imperfeita, um lugar para a intimidade em que retomamos nós mesmos e nossas experiências para atravessar o dualismo do pensamento metafísico ocidental onde "[...] não há dignidade na experiência da paixão, que sentir profundamente é ser inferior." (bell hooks, 2008, p. 863) Da mesma forma, trago a comunidade, minha mãe, o tratamento do câncer na escrita, a fim de afirmar o amor, o cuidado, o afeto na produção científica. Este é um dos modos de fazer a virada proposta por hooks. Nos apropriando dos modos de produzir conhecimento opressor, porém, produzindo-o do nosso jeito.

Nesta perspectiva, não apenas quem produz conhecimento e sobre o que se produz conhecimento, a linguagem escrita assume um importante lugar na validação desta produção. Este é um outro desafio que encontramos, porque assim como bell hooks (2008) descreve imaginar o terror que os africanos sentiram ao ouvir o inglês, por vezes eu enfrento esse terror ao escrever, assim como também em outros momentos consigo me conectar com a escrita de maneira potente para continuar construindo saberes em psicologia que possa nos tocar e nos cuidar.

Este não é um sentimento exclusivo. Grada Kilomba (2016) diz que tem medo de escrever, medo de não poder escapar de tantas construções coloniais. Glória Anzaldúa (2000), mulher chicana, escritora e teórica queer, diz que escreve porque cria um outro mundo, compensando o que o mundo real não lhe dá. Confesso que assim como Grada Kilomba, sinto muito medo de escrever. Mas como Glória Anzaldúa, estou escrevendo para criar um outro mundo. Um mundo em que não somos objetos de estudos, onde tais estudos não justificam opressão sobre nossos corpos e nossas existências, fazendo desta escrita uma constante luta decolonial. Trazendo minha história porque ela não está desconectada da produção de conhecimento que faço, trazendo aquilo que me com-põe para conectar. Contando outras histórias para possibilitar outras vidas. Mudando o mundo, sendo no presente o futuro. Permanecendo no que é meu lugar.

## INTRODUÇÃO

O objetivo desta dissertação é acompanhar os efeitos produzidos nos encontros do dispositivo COM-POR pessoas negras enquanto prática de cuidado e produção de vida entre pessoas negras, aprofundando suas relações com o afrofuturismo. Ademais, contribuir com a formação de estudantes de psicologia ética, social e politicamente engajados com a luta antirracista.

Existem muitas formas de morrer. Abdias Nascimento (2016), homem negro, escritor, ator, dramaturgo, ao atentar para a representação social do negro, traz o genocídio como um processo de extermínio da população negra presente implicitamente no mecanismo de branqueamento da população. Iray Carone (2003), por sua vez, trata o branqueamento como uma "[...] expressão cultural exercida pela hegemonia branca [...] para que o negro negasse a si mesmo, no seu corpo, na sua mente, para ser aceito." (p.14). Com isto, Carone (2003) afirma como o racismo foi sofrendo transformações em sua forma de expressão. Morremos ao negar nós mesmos para caber em vida no mundo onde o branco é o referencial.

Neste caminho, como pessoa neutra, o branco permanece protegido, e como pessoa racializada, o negro é exposto, tornando-se alvo preferencial de descargas das frustrações. Maria Aparecida Silva Bento (2003), mulher negra, psicóloga, diz a respeito da "[...] construção de um imaginário extremamente negativo sobre o negro, que solapa sua identidade racial, danifica sua autoestima, culpa-o pela discriminação que sofre e, por fim, justifica as desigualdades raciais." (p.26). Além da necessidade de se compreender que o racismo continua existindo nas relações interpessoais, o autor e as autoras citadas acima apontam para as consequências das questões raciais na estrutura psíquica da população negra. Esse tipo de violência também é um modo de fazer morrer.

Achille Mbembe (2016), homem negro, camaronês, filósofo, teórico político, vai além do conceito de biopoder de Foucault para explicar as relações de perseguição. Segundo Mbembe (2016) existe uma necropolítica em curso, um poder social e político que não apenas deixa morrer, mas faz morrer. Tem a ver com a destruição dos corpos, com a escolha de quais importam ou não, quem é descartável ou não. Esta se configura como a expressão máxima da soberania.

Neste projeto de extermínio, sofremos violências de diversas ordens, não apenas físicas, mas também aquelas que atingem nossa saúde mental. Entretanto, assim como nossos antepassados, criamos ferramentas que nos permitirão repactuar nosso combinado de nos mantermos vivos. O COM-POR é essa ferramenta, é o afrofuturismo em ação. É uma ação política para a existência de pessoas negras. É possibilitar futuros, se unir e fazer viver. Não só pensar em outros futuros, mas possibilitá-los, colocá-los em ação semanalmente. Não é sobre sobrevivência, é sobrecontinuação da existência.

Afrofuturismo, de acordo com Mark Dery (1994), homem branco, autor americano, palestrante e crítico cultural é a expressão artística de ficção científica com protagonismo negro. Com Nátaly Neri (2017), mulher negra, cientista social e produtora de conteúdo na internet, aprendi que uma das compreensões deste movimento artístico, ou uma das formas como podemos encarar os efeitos deste movimento é como uma proposição radical de que pessoas negras existem no futuro. Este foi um conceito muito importante para o meu trabalho de monografia. Isso não parou por ali porque eu fiquei apaixonada por esse conceito e o quanto ele dialogava com a minha história de vida e tudo o que eu desenvolvia. O afrofuturismo em si não é um conceito fechado, trata-se de um movimento artístico, de ficção científica, feito e protagonizado por pessoas negras. E aqui ele será tomado com a afirmativa de um futuro em que pessoas negras existem e protagonizam este mundo.

Essa proposição se tornou muito importante para mim porque, como uma mulher negra, sempre senti necessidade de contato com outras narrativas sobre mim, sobre as pessoas que se parecem comigo, sobre o meu povo. Quando se trata de pessoas negras, rotineiramente, o movimento é sempre de repetir a história da escravização. Estudar sobre isso é muito importante, contudo, nossa história não se resume a isso. É como se nossa história começasse e terminasse na escravização. Apenas encontramos histórias sobre dor, sofrimento e, mesmo depois disso, a subalternidade. A respeito disso, bell hooks (2019) discute o quanto têm sido difícil para as pessoas negras expandir as reflexões sobre raça e representação para além dos bons e maus conjuntos de imagens. Para a autora "[...] se houve pouco progresso, é porque nós transformamos as imagens sem alterar os paradigmas, sem mudar perspectivas e modos de ver". (bell hooks, 2019,

p.32)

O afrofuturismo se apresenta, então, como a possibilidade de ir além dessa história única de acordo com Chimamanda Adichie (2009)<sup>14</sup>, mulher negra e escritoranigeriana. A história única é quando uma história, contada apenas de uma forma, sobre algo ou alguém, cria estereótipos que são tomados como verdade. Entretanto, ainda que sejam verdade, eles não são a única versão sobre aquela pessoa ou lugar. "É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna." (ADICHIE, 2019, p. 12)

Marizete Gouveia, mulher negra, psicóloga e doutora em psicologia clínica e cultura, e Valeska Zanello, mulher branca, filósofa, psicóloga e doutora em psicologia, realizaram estudo sobre psicoterapia, raça e racismo e apontam que no século XX há um esforço em tratar as injustiças e opressões relacionadas à raça em diversas áreas do conhecimento. (GOUVEIA; ZANELLO, 2019). Entretanto, a psicologia foi uma das áreas que mais demorou a considerar as relações raciais e, ainda depois, a psicologia clínica.

Pedro Costa, homem branco, doutor em psicologia e Kíssila Mendes, mulher branca, mestre em psicologia, ao retomarem os trabalhos de Fanon e Martín-Baró interrogam: "Como ousa a Psicologia, em especial a nossa, dizer tratar e cuidar do ser humano em suas particularidades e singularidades latino-americanas e brasileiras?" (COSTA; MENDES, 2020, p. 10) Ignácio Martín-Baró (1996), homem branco, psicólogo social, filósofo e padre jesuíta, ao discorrer sobre o papel do psicólogo, afirma que ainda que não seja chamado a resolver um problema, o psicólogo deve contribuir para encontrar uma resposta. Este caminho precisa ser feito considerando a situação histórica e a necessidade dos povos, para então se estabelecer a psicologia e não o caminho inverso.

"Não se trata, portanto, de se perguntar o que pretende cada um fazer com a psicologia, mas antes e fundamentalmente, para onde vai, levado por seu próprio peso, o *que fazer* psicológico; que efeito objetivo a atividade psicológica produz em uma determinada sociedade."

(MARTÍN-BARÓ, 1996, p. 13, *apud* MARTÍN-BARÓ, s. d.).

Em 2002, como resultado de muita luta dos movimentos negros

---

<sup>14</sup> Palestra no TED *Ideas worth spreading*. TED (*Technology, Entertainment and Design*) é um tipo de sociedade de responsabilidade limitada que promove conferências na Europa, Ásia e Américas sem fins lucrativos.

denunciando o racismo em diversas áreas do conhecimento, inclusive na saúde, a Psicologia enquanto ciência e profissão passa a ter uma resolução que estabelece normas para atuação das psicólogas e dos psicólogos a respeito do preconceito e da discriminação racial, a CFP 018/02<sup>15</sup>. Em 2017, o Conselho Federal de Psicologia apresentou o documento "Relações Raciais: referências técnicas para atuação de psicólogas/os"<sup>16,16</sup> elaborado no âmbito do Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas (Crepop). O Conselho também conta com um Grupo de Trabalho no Sistema Conselhos de Psicologia. Tais mecanismos são de extrema importância para o exercício de uma psicologia antirracista. Entretanto, quando comparamos a data destas resoluções e publicações com o estudo feito por Gouveia e Zanello (2019), percebemos que existe muito ainda a ser feito nesta área a fim de que políticas de cuidado em saúde mental da população negra possam ser ferramentas para nos fazermos viver.

Mesmo quando espaços que se pretendem de cuidado não atentam para as questões raciais no cuidado com pessoas negras, facilmente reproduzem racismo e novamente nos fazem morrer. Apesar de termos avançado em termos de estudos e acesso aos estudos que falem das pessoas negras e suas especificidades no cuidado, pessoas negras continuam não se sentindo acolhidas em psicoterapias. Sobre isso, Gouveia e Zanello (2019) apontam para a ausência da temática racial na formação. Ou seja, acompanhado das referências técnicas e normas para a atuação dos psicólogos, é preciso investir na formação dos estudantes de psicologia.

Em 2019, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), como estudante de graduação, pude participar do surgimento do Dispositivo COM-POR Pessoas Negras, um grupo de atendimento feito com e por pessoas negras. A proposta do grupo acontece justamente no encontro de estudantes negras e negros que não se sentem contemplados na formação profissional por assuntos que os (nos) cuidem como pessoas vítimas de um genocídio que acontece mascaradamente. Com isso, nós temos o acolhimento das e dos estudantes em sua formação, bem como a oferta de um espaço de escuta e troca com a comunidade externa.

---

<sup>15</sup> Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002\\_18.PDF](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF)

<sup>16</sup> Disponível em: [https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes\\_raciais\\_baixa.pdf](https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf)

A proposição do COM-POR não é a de que apenas pessoas negras devam atender pessoas negras, negando possíveis proposições interracialistas. Afinal, o racismo, de maneira diferente, está tanto para as pessoas negras quanto para as brancas. O que nos interessa é criar espaços de fortalecimento em rede que possibilitem que uma pele coletiva seja com-posta. A pele como maior órgão do corpo humano, tem a função de proteger o corpo contra agentes externos. Desta forma, o COM-POR é cuidado para quem atende e para quem é atendido. Para além da cor da pele no atendimento, importa um cuidado diligente a fim de que estejamos atentados às sutilezas que abrigam o racismo.

Assim como nossos ancestrais encontraram estratégias de sobrevivência que nos trouxe até aqui, o COM-POR é mais uma resposta de que a população negra nunca ficou satisfeita com o lugar de subalternidade que nos foi imposto pelo colonialismo. O COM-POR mais do que um serviço oferecido para pessoas negras, se trata de uma estratégia política em que lutamos pela existência da população negra. Como citado anteriormente, muitos avanços se deram pela luta dos movimentos negros em diversas áreas do conhecimento. Assim, fica cada vez mais evidente a nossa necessidade, sempre presente, de existir. Nós lutamos para não morrer. É sobre viver e não apenas sobreviver. O afrofuturismo refere-se ao futuro, mas não se esgota nele. Nós vivemos e queremos viver, entretanto, sobreviver nunca foi o suficiente para nós. Não é apenas estar vivo amanhã, mas trata-se da qualidade desse viver, trata-se das boas condições desta existência. O afrofuturismo traduz a política estética e ética desses possíveis amanhãs.

## 1. O AFROFUTURISMO

Se a branquitude, se o capitalismo, se o patriarcado bloqueiam não apenas o movimento, mas a sua imaginação, então o pensamento e a arte afrofuturista são justamente uma agitação. São máquinas musicais que viajam para outras estrelas, para outros tempos: no passado, quando culturas ricas conviviam em esplendor na África, no futuro, quando a humanidade guiada por astronautas negras alcança sua primeira estrela vizinha. Reivindicam outra história humana, libertam a história humana de seu giro vazio sobre um único eixo - o branco.

Apresentação Ponto Virgulina #1: Afrofuturismo (2020, p.5)

A primeira vez que ouvi falar sobre afrofuturismo foi por meio de um vídeo do *TEDx Talks*<sup>17</sup> com Nátaly Neri, no *YouTube*<sup>18</sup> intitulado "Afrofuturismo: A Necessidade de Novas Utopias"<sup>19</sup>. Nátaly Neri é uma mulher negra, cientista social e produtora de conteúdo na internet. Eu já acompanhava os conteúdos produzidos por ela, por isso o algoritmo se encarregou de me sugerir esse vídeo. Nele, Neri comenta o quanto sempre foi considerada uma mulher e até mesmo uma criança pessimista. Entretanto, apenas se considerava uma mulher "pé no chão", consciente de sua realidade. Nunca teve muita expectativa sobre o futuro e inclusive afirma ter conquistado muitas coisas que jamais imaginou. Chegou muito além do que imaginaria poder. Depois de muito pensar sobre os motivos pelos quais se tornou uma pessoa tão pessimista, conclui que a realidade do racismo destruiu sua capacidade de sonhar e imaginar futuros possíveis para ela e para pessoas como ela. Ainda que se considere uma pessoa pessimista, a cientista social sempre gostou de ficção científica. Em muitos momentos ela se interrogou sobre qual seria o futuro da humanidade até perceber que a humanidade da qual se falava na ficção científica não tratava de humanos como ela. Foi então que, por meio da literatura, conheceu o afrofuturismo, que ela define como "a ideia radical de que pessoas negras existem no futuro". Trata-se de um movimento, mas Neri prefere tomar como um conceito, uma filosofia que vai

---

<sup>17</sup> <sup>17</sup>A TEDx Brasil é uma versão independente de uma das conferências mais importantes e inovadoras do mundo, a TED (tecnologia, entretenimento e design). Essa é uma ONG criada nos EUA, em 1984, e ela tem o intuito de propagar "ideias que merecem ser compartilhadas". Disponível em: <https://tedxsaopaulo.com.br/o-que-sao-os-tedx-talks-no-brasil/>

<sup>18</sup> YouTube é uma plataforma de compartilhamento de vídeos.

<sup>19</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_D1y9yZRpis](https://www.youtube.com/watch?v=_D1y9yZRpis)

pensar a existência negra na arte, cultura, literatura e música, dentre outros movimentos. Pensar uma existência negra afastada de construções arcaicas ou primitivas, como sempre é retratada. O afrofuturismo coloca as pessoas negras no presente e no futuro como produtoras deste mundo altamente tecnológico. Tecnologia entendida não apenas como computadores ou *smartphones*<sup>20</sup>, mas como ferramentas para transformação. Nesse vídeo, Nátaly Neri se questiona se haveria um lugar seguro para pessoas negras. Qual o futuro desta população? Haverá futuro para nós? Como nos livrarmos do racismo e da opressão? Ela menciona *Star Wars*<sup>21</sup>, um clássico da ficção científica, e conclui que o futuro é povoado por pessoas brancas. Sendo assim, o genocídio aconteceu e não existem pessoas negras vivas. Ela afirma que o afrofuturismo é revolucionário e continua:

*"Ele é revolucionário pelo simples fato de unir dois elementos muito básicos: pessoas negras e futuro. E o que tem de tão especial em você unir pessoas negras e futuro? Por que isso me move? Por que pensar em pessoas negras no futuro me instiga? Por que pensar que pessoas negras no futuro dilata as minhas pupilas, faz as minhas pernas se encherem de sangue? Por quê? Porque pensar pessoas negras no futuro é pensar em pessoas negras vivas. Pensar em pessoas negras no futuro é pensar que jovens negros conseguiram desviar de 12 balas. Ou essas balas não foram atiradas já que jovens negros tem 12 vezes mais chances de morrer do que jovens brancos. Pensar em pessoas negras no futuro é pensar que talvez mulheres negras não tenham morrido tanto quanto morreram no ano passado, afinal, o genocídio contra mulher negra aumentou 54%. Pensar em pessoas negras é pensar que não, essas mulheres não morreram só por serem negras e mulheres. Pensar em pessoas negras no futuro é talvez entender que a gente conseguiu superar coisas como termos do corpo suspeito, né, que faz com que pessoas negras sejam 78% da taxa de 10% de mortes violentas no Brasil. Pensar em pessoas negras no futuro é pensar que a gente superou a insegurança e a desnutrição alimentar e que pessoas negras não são as que mais morrem por diabetes, hipertensão e obesidade no Brasil. Pensar em pessoas negras e futuro é pensar que a gente conseguiu vencer a encarceração em massa do povo negro e que talvez o meu irmão estatística não vire uma estatística; que talvez esse irmão, negro, jovem de 15 anos que anda de boné pra trás acabe morto pela polícia. Que talvez a minha mãe possa sair do ciclo vicioso da narrativa de mulher forte-guerreira-sozinha; que talvez eu e jovens como eu tenham perspectivas futuras, tenham novas possibilidades. Eu acho que pensar em pessoas negras e futuro é pensar em um mundo em que pessoas negras conseguiram vencer a baixa escolaridade. Em que pessoas negras conseguiram entrar nas universidades e que pessoas negras estão produzindo conteúdos, estão pensando sobre suas vidas a partir de suas próprias óticas. Pensar em pessoas negras e futuro é pensar que talvez a escravidão apesar de ter tentando muito, não conseguiu destruir a nossa herança cultural. Pensar em pessoas negras no futuro é pensar em*

<sup>20</sup> <sup>20</sup>Em tradução livre significa telefone inteligente. Atualmente, eles contam com inúmeros recursos, ao contrário dos celulares antigos, que só serviam para realizar e receber chamadas e SMS.

<sup>21</sup> Em português conhecido como Guerra nas Estrelas, uma franquia estadunidense que conta com nove filmes de fantasia científica.

*peessoas negras vivas.*

*Afrofuturismo: A Necessidade de Novas Utopias / Nátaly Neri |*

*TEDxPetrópolis*

*(minuto 12:48 até*

*15:07)*

Anos depois, durante a conclusão do curso de bacharel em psicologia, enquanto eu terminava a monografia, minha orientadora, Alexandra Tsallis, me reapresentou ao tema por meio de um *podcast* chamado "Mamilos - diálogo de peito aberto" episódio #227 Afrofuturismo<sup>22</sup>. Esse episódio é apresentado por Nátaly Neri, que já conhecemos; Oga Mendonça, homem negro, designer multimídia, ilustrador e *filmmaker*; Ale Santos, homem negro, autor afrofuturista e consultor de gamificação; e Morena Mariah, mulher negra, mãe, pesquisadora e *podcaster*.

Nesse encontro, de 1h32, passando pelo conceito de ficção científica até chegar ao de afrofuturismo, o grupo que compõe a conversa expressa suas ideias, como a de que um dos lugares que a ficção científica possui é o de criar metas, objetivos, caminhos, espaços aonde queremos chegar, e que a ciência vai perseguir. Muitas vezes os caminhos mudam, mas em muitas outras é possível testemunhar acontecendo muito tempo depois. Assim como ela é também a possibilidade de criar ou não um vislumbre futuro para determinados grupos. Apesar deste assunto parecer sobre produção audiovisual, estamos falando também sobre ideias a serem consumidas e que produzirão efeitos.

As debatedoras mencionam "Os Jetsons", um desenho que retrata as aventuras de uma família branca composta por um homem, uma mulher e seus dois filhos em um mundo futuro altamente tecnológico como um dos nossos primeiros contatos com a ficção científica. Oga Mendonça diz ter se identificado com o robô empregado da família, uma referência direta aos lugares subalternos, únicos possíveis, para as pessoas negras. Nátaly Neri menciona a disputa existente entre pessoas negras e seres extraterrestres já que as pessoas brancas são centrais nessas histórias e o lugar do outro, do não humano, fica dividido entre as pessoas negras e os seres extraterrestres.

Ale Santos diferencia o afrofuturismo da ficção fantástica e científica a partir de seu surgimento. O afrofuturismo surge a partir de expressões artísticas e musicais e não da escrita, em literatura como nas ficções surgidas da episteme

---

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.b9.com.br/shows/mamilos/mamilos-227-afrofuturismo/>

européia, que estabelece o que está escrito como história oficial. Sun Ra, homem afro-estadunidense, poeta e compositor de jazz, conhecido por sua filosofia cósmica, é um dos maiores nomes do afrofuturismo. "Space is the place" (o espaço é o lugar) era a proposição que Sun Ra difundia em sua arte. Para ele, em qualquer tempo e espaço no planeta Terra as pessoas negras irão sofrer. Então, sair do planeta e viver em outros universos, em outros espaços, seria a solução para as pessoas negras. O músico morreu em 1993, no mesmo ano em que o nome afrofuturismo estava sendo criado. Antes disso, antes do termo ser usado, Octavia Butler, escritora afro-estadunidense, e Samuel Delany, escritor afro-estadunidense, já escreviam literaturas afrofuturistas.

O afrofuturismo foi chamado desta forma pela primeira vez há 29 anos por Mark Dery (1994), que se questiona porque tão poucos afro-americanos escrevem ficção científica. Afinal, a existência de pessoas negras é marcada por elementos tão desumanizadores que a distopia encontrada nas literaturas e/ou outras expressões artísticas foi vivida por nós quando fomos sequestrados de nossos territórios. Nós já enfrentamos o fim do mundo quando apagaram nossa história, exterminaram nossa humanidade e nos objetificaram. Essa ideia para nós, pessoas negras, já chegou e segue sendo performada.

Para essa investigação, Dery (1994) entrevista três pessoas: Samuel R. Delany, homem negro, intelectual estadunidense, crítico literário e autor de ficção científica; Greg Tate, homem negro, escritor, músico e produtor americano; e Tricia Rose, mulher negra, socióloga e autora americana, professora na Brown University de Estudos Africanos e diretora do Centro de Estudos de Raça e Etnia da América. O que Dery não esperava é que apesar do termo afrofuturismo ter sido cunhado por ele naquele momento, e da sua pouca expressão na literatura, é que o afrofuturismo estava muito presente em outras expressões artísticas, como na música, artes plásticas e cinema. As pessoas negras estavam produzindo, como sempre produziram neste mundo.

Segundo Lisa Yaszek (2013, p.1), mulher branca, professora regente de Estudos de Ficção Científica na Escola de Literatura, Mídia e Comunicação da Georgia Tech, o "Afrofuturismo é a ficção especulativa ou a ficção científica escrita por autores afrodiáspóricos e africanos, um movimento estético global que abrange arte, cinema, literatura, música e academia.". Para a autora, o

afrofuturismo tem a intenção de contar boas histórias de ficção científica. No entanto, também há objetivos políticos associados a ele: recuperar as histórias negras e pensar como essas culturas permeiam o mundo de hoje, vislumbrando como tais histórias e culturas podem inspirar novas visões do amanhã.

O objetivo seguinte seria o de "[...] não apenas lembrar o passado ruim, mas usar histórias sobre o passado e o presente para reivindicar uma história do futuro". (YASZEK, 2013, p.2). Citando Kodwo Eshun, homem negro, escritor, teórico e cineasta britânico-ganense, Yaszek (2013) dirá que o afrofuturismo é como uma narrativa pública que intervém nos futuros ruins escritos pelas indústrias do futuro de maneira a alterá-los totalmente. É a capacidade de multiplicar o mundo, ampliar as possibilidades de existência: "Isso permite que os autores criem futuros complexos em todas as cores em vez daqueles que são simplesmente utopias embranquecidas ou distopias negras." (YASZEK, 2013, p.3) Ele emenda que "[...] as melhores ficções científicas, nos dá esperança de que haja maneiras diferentes de sermos cidadãos do moderno mundo global." (idem p.11).

Em entrevista dada a Dery (1994), Delany menciona o motivo de acreditar que precisamos mais de imagens do amanhã do que outros povos precisam: o fato de termos sido privados de qualquer imagem do passado. Ao falarmos nossas próprias línguas, por exemplo, apanhávamos ou erámos assassinados. Diferentemente de outros grupos de imigrantes, como os europeus que, apesar de encontrarem dificuldades, conseguiram superá-las sem precisar lidar com sua destruição cultural massiva.

A cada dez suicídios de adolescentes e jovens, aproximadamente seis deles são negros<sup>23</sup>. Em 2017, 75,5% das vítimas de homicídios eram pessoas negras<sup>24</sup>. No ano de 2015, apesar de representarmos 54% da população, a participação de pretos e pardos no grupo dos 10% mais pobres era de 75%. Dados de 2016 demonstram que o analfabetismo era maior na população negra (9,9%), mais que o dobro do que na população branca (4,2%). Pretos e pardos a partir de 25 anos com ensino superior completo era, apenas 9,3% da população em 2017<sup>25</sup>.

---

<sup>23</sup> Dados retirados da cartilha "Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016" organizada pelo Ministério da Saúde

<sup>24</sup> Dados retirados do documento "Atlas da Violência 2019", organizado pela IPEA e FBSP

<sup>25</sup> Dados das pesquisas PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) realizadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apresentado em matéria da Exame em novembro 2018.

As condições em que o racismo coloca as pessoas negras faz com que a expectativa de futuro dessa população seja cada vez menor. Pessoas negras são raras na ficção científica e trazê-las para essa expressão é acreditar que elas sobreviveram ao genocídio, à pobreza, à falta de oportunidades, e estão construindo suas vidas e suas narrativas a partir de suas próprias óticas. Criar um mundo em que essas pessoas estejam vivas é imaginar possibilidades presentes e futuras em que, nós, pessoas negras, existimos. É mostrar que é possível construir outras realidades além da que já temos.

O termo afrofuturismo foi cunhado e toda esta discussão refere-se ao contexto americano. No Brasil, o movimento ainda é recente. Waldson Gomes de Souza (2019), um jovem negro, em sua tese de mestrado trabalha o conceito de ficção especulativa e suas variáveis até chegar ao afrofuturismo, mencionando nomes como o de Fábio Kabral, homem negro, escritor; Kênia Freire, mulher negra, Pós-doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação; Morena Mariah; Jonathan Ferro, jovem negro, pianista; Larissa Luz de Jesus, cantora, compositora e atriz; e Ale Santos, autor e consultor de gamificação.

Souza (2019) explica que o afrofuturismo não é a simples junção de futurismo e África, tampouco das palavras afro e futuro (futurismo):

Por isso é importante deixar evidente que o afrofuturismo não é a mera junção de futurismo + África. O afrofuturismo e o futurismo são movimentos completamente distintos. Como mostra Richard Humphreys (2000 [1999]), o futurismo surgiu na Itália na década de 1900 com a publicação do Manifesto Futurista, escrito por Filippo Marinetti. Tal movimento artístico apontava para uma ideia de futuro e modernização italiana, rejeitando o passado, glorificando a guerra, com crenças higienistas, perspectivas machistas, e contribuindo com o fascismo. Essas características não poderiam ser mais diferentes do que afrofuturismo propõe. Pensando na própria formação da palavra, afrofuturismo também não é simplesmente a junção pessoas negras (afro) + futuro (futurismo). Poder reivindicar a construção de um futuro, imaginar-se em espaços majoritariamente negados são pontos importantíssimos do movimento. (SOUZA, 2019, p. 34-35)

Resgatar o passado para construir um futuro trata-se de um movimento que, muito além de criar entretenimento, faz a proposição radical de que pessoas negras existem. Afinal, pensar as existências negras na arte, na política, na música, na dança, na literatura, no cinema é afirmar que elas sobreviveram ao racismo que as violenta e as mata todos os dias seja em seus corpos, sua autopercepção, sua história. Sobreviveram à miséria e à falta de oportunidades e

estão vivas construindoeste mundo altamente tecnológico.

Morena Mariah, ao trabalhar o afrofuturismo na educação, menciona (no *podcast* supracitado) exercícios que convocam as pessoas a pensar especulativamente sobre o futuro. Nas experiências dessas atividades, Morena Mariah percebe que as pessoas brancas não têm muita dificuldade em realizá-las. Entretanto, as pessoas negras não conseguem imaginar o futuro. Elas ficam sempre no lugar da realidade, da sobrevivência. A pesquisadora traz para a conversa o fato de que estamos sempre muito imersos nos problemas. Contudo, ao fazer-se uma análise histórica, e depois especulativa, é possível compreender que a história que está sendo contada elimina esperanças de futuro.

Cuidar da saúde mental das pessoas negras se trata de um trabalho afrofuturístico em longo prazo. Esse cuidado está inscrito no lugar de possibilitar que pessoas negras estejam não apenas sobrevivendo amanhã, mas que tenham mais possibilidade de experimentarem uma boa vida. Entendendo que condições físicas e econômicas são muito importantes, mas não são as únicas que podem melhorar a qualidade da existência de pessoas negras.

Desse modo, o COM-POR é mais uma das políticas de existência de pessoas negras em direção ao futuro, a fim de que elas sigam protagonizando suas histórias e compondo a História de maneira digna. À medida que mais dos nossos vivem, se juntam, se aquilombam, encontram outras possibilidades de viver neste mundo, produz-se cuidado coletivo porque nos vemos em mais pessoas.

## 2. COM-POR: narrativa de sua emergência

Inicialmente, o projeto desta pesquisa tinha em vista encontrar pessoas negras e contar suas histórias. O objetivo era re-apresentar pessoas negras pela perspectiva delas mesmas, como elas gostariam que suas histórias fossem contadas. No final do ano de 2019, enquanto escrevia minha monografia, fui reapresentada ao afrofuturismo pela minha orientadora, Alexandra Tsallis, mulher branca, mãe, doutora, pesquisadora. Desde então temos percebido, na prática, o quanto este conceito está presente nos trabalhos que desenvolvemos.

Em uma live intitulada "Afrofuturismo, educação e tecnologia"<sup>26</sup>, Kleyson Assis, homem negro, professor e doutor em Ensino, Filosofia e História das Ciências fala sobre como a narrativa faz diferença como percebemos as histórias. Ele faz uma comparação a partir da observação que fez das pessoas que estavam assistindo presencialmente a um jogo num estádio de futebol, mas também acompanhavam a narração do mesmo jogo pelo rádio. Ele conclui que o locutor da rádio tinha total influência sobre como a pessoa que o ouvia, perceberia o jogo. Assistir ao jogo com a narração modificava completamente a experiência quando comparada àquela de quem apenas assistia ao jogo.

"Comece a história com as flechas dos indígenas americanos, e não com a chegada dos britânicos, e a história será completamente diferente. Comece a história com o fracasso do Estado africano, e não com a criação colonial do Estado africano, e a história será completamente diferente."

(ADICHIE, 2019, p. 12)

O professor segue explicando o quanto a narrativa da história de pessoas negras é sem emoção positiva. Quando perguntam dos nossos antepassados, todos eram escravos. Não falam que foram grandes combatentes. Nossas narrativas passadas não são heróicas, todas elas nos levam ao lugar de subalternidade. Mas quem criou essas narrativas? Quais os efeitos delas? Por mais que o jogo seja interessante, a forma como o narrador conta vai interferir diretamente sobre a notícia que teremos.

Segundo Chimamanda Adichie (2019, p. 12), como as histórias são "[...] contadas, quem as conta, quando são contadas e quantas histórias são contadas,

---

<sup>26</sup> Esta live aconteceu no dia 16 junho de 2020, às 19h, e está disponível no perfil do Instagram do Colégio Estadual Santa Bernadete (@colegiocesb) pelo link: <https://www.instagram.com/tv/CBg4OJwgEVZ/>

tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar histórias de uma outra pessoa, mas, de fazê-la a história definitiva daquela pessoa.” Para a autora, as relações de poder se definem pelo princípio *nkali*. Trata-se de um sentimento de "ser maior que o outro". Quando se parte de uma diferença de tamanho, a opressão e a violência estão colocadas sempre como possibilidade, uma vez que a existência do outro pode ser aniquiladora apenas por sua presença.

#### **Trecho do Diário de campo<sup>27</sup>**

*Uma das participantes diz ter se inscrito num curso de gastronomia periférica. Disse que o curso parece ser bem sério e que na primeira aula percebeu as pessoas emocionadas por terem tido a oportunidade de fazer o curso. Ao ser questionada sobre como se sentiu por ter sido selecionada para participar, respondeu que se sentiu feliz e animada porque gosta de aprender, gosta de cozinhar. Nos aprofundamos querendo saber com quem ela aprendeu a cozinhar e ela disse que com vídeos na internet e por incentivo de um ex- namorado italiano. O grupo então começa a trazer recordações para a cena. Entramos na história de outra participante que quando era pequena dizia que seria chefe de cozinha e que adora gastronomia. Ao falar sobre comida de um jeito mais geral, há estranhamento. Ela para a história e diz que não consegue desvincular afeto da comida. Lembra de sua avó cozinhando para a família. Ouvimos sobre mães que fazem doce e que o ensino da própria foi ponta pé inicial para começar a “ter gosto” pela cozinha. “Minha mãe não era muito afetuosa, mas sentia que através dela cozinhar, para mim e minha irmã, esse afeto era dado.” Nesse momento eu me peguei pensando muito sobre o nosso povo viver o “amor como uma ação” como diz a bell hooks. Mas também fiquei pensando que faz falta ouvirmos esse amor. E eu acho que hoje tivemos essa oportunidade ao longo do encontro. Uma de nós, da equipe de atendimento, fez uma observação muito boa sobre como estava sentindo o grupo naquele momento, dizendo que estava com o coração quentinho. Isso gerou um movimento que tornou o grupo mais próximo, bagunçou esse lugar de “terapeuta e paciente” porque começamos a nos colocar também e falar de como sentimos essa afetividade nos eventos familiares que contém a comida. Eu senti que esse encontro me alimentou com uma alegria, doçura, que faz muito bem, sobretudo, nesses tempos tão difíceis que estamos vivendo. Como diria Emicida “tudo que nós tem é nós”. E hoje eu pude observar o que é essa dupla face, essa pele coletiva que tanto falamos quando explicamos sobre o nome do grupo COM-POR. Esse hífen é uma ponte de mão dupla, em que o eu-tu, encontra-se e vira um nó, que forma um “nós”. Que bonito foi poder viver esse encontro, que bonito foiver como nos cuidamos entre nós. Se Emicida canta “porque a vida é tão amarga na terra que é da cana-de-açúcar” o encontro de hoje nos mostrou que existe sempre a esperança de semear a doçura e de subverter essa amargura mesmo que por um breve instante. Na pós sessão falamos o quanto este*

<sup>27</sup> Os diários de campo aparecerão em diversos momentos do texto. Trata-se de escritas feitas durante o encontro do COM-POR pela equipe de atendimento onde em cada encontro uma pessoa fica responsável por esta elaboração. A equipe dos diários mencionados aqui é composta por Sonalle Fonseca, mulher negra, psicóloga; Ruan do Vale, homem negro e estudante de psicologia; João Cândido, homem negro e estudante de psicologia; Vivian Nogueira, mulher negra e estudante de psicologia e Larisse Silva, mulher negra e estudante de psicologia. O COM-POR já contou com a participação na equipe de atendimento de Renato Gama, homem negro e estudante de psicologia e também de Kelly Quirino, mulher negra e estudante de psicologia

*encontro nos fez bem, inclusive para um de nós da equipe de atendimento que na pré-sessão compartilhou estar vivendo uma exaustão no cuidado com sua avó e relembrou sua situação com a de uma das pessoas que atendemos. Disse que veio para o encontro porque sente falta de estar em outras atividades, fazer outras coisas. Ao final: "Estou saindo com o coração quentinho e me sentindo bem alimentado.";* (Fonseca, trecho do diário de campo, 2021)

Esse é o trecho de um dos diários de campo produzido nos encontros do Com-Por, sobre o qual falarei um pouco mais a seguir. Esse foi um encontro de histórias. Ouvimos sobre as pessoas e sobre seus ancestrais. Ouvimos sobre sua relação com a comida e o afeto envolvido nisso. Essas histórias nos nutriram. Este trabalho trata de multiplicar essas histórias. Sendo assim, o afrofuturismo recria a narrativa da história única criada e contada sobre as pessoas negras, pela perspectiva delas. Esse movimento pode ser compreendido como a multiplicação de outras histórias, de outros modos possíveis de existir. Nossas narrativas de como gostaríamos ou queremos que o mundo seja para nós, pretas e pretos.

Com tudo isso em questão, havia uma expectativa muito intensa de poder seguir com esse conceito no mestrado. A ideia estava relacionada ao encontro de pessoas negras com profissionais negros que ouviriam e contariam as histórias dessas pessoas. Poder encontrar e multiplicar essas histórias da maneira como elas querem que sejam contadas e retratadas é dar visibilidade a outros modos de ser negro e, com isso, vislumbrar outros futuros possíveis para nós.

Diferente do que Adichie (2019) diz sobre "poder" como adjetivo, como a habilidade de tornar uma só história a história definitiva de uma pessoa, aqui, poder está como verbo: como possibilidade de. Possibilitar que pessoas negras tenham outras histórias e se apropriem de contar sobre si mesmas ao mundo. Possibilitar o vislumbre de outras realidades para outras pessoas negras. Poder existir de muitos outros modos. O afrofuturismo é mudar a história do poder branco que está diretamente relacionado com opressão, com impossibilidade, e revertê-lo para possibilidade, multiplicidade.

Porém, com a pandemia da *covid-19* e a necessidade de distanciamento social, precisamos guardar esse projeto que exige de nós tanto contato e presença. Entretanto, outros modos de seguir com estes conceitos foram possíveis. Mesmo com a pandemia e a necessidade do distanciamento social, seguimos desenvolvendo trabalhos na perspectiva afrofuturista, cuidando de pessoas negras, ouvindo-as e multiplicando suas histórias. Refiro-me ao COM-POR. Como

pesquisadora integrante da Unidade de Desenvolvimento Tecnológica Laboratório afeTAR: tecnologias em rede, eu estava envolvida em outros projetos que puderam seguir remotamente, e entre eles está o grupo de atendimento COM-POR pessoas negras.

Chegar no objetivo deste trabalho e falar sobre o que se trata é contar de um fazer coletivo. Foi junto com o grupo de pesquisa do Laboratório afeTAR, em um dos encontros de bancada que realizamos no Laboratório, no qual compartilhamos nosso projeto com os membros do grupo e juntos conversamos sobre o trabalho, o grupo, e pude perceber que o trabalho que desenvolvemos aqui, nesta pesquisa, não está tão distante do projeto inicial que contei anteriormente. Ao ouvir todas as minhas questões sobre o cuidado com a minha família, a vida de mestrandia, o COM-POR e a minha paixão pelo afrofuturismo, o grupo me devolveu que o cuidado com pessoas negras feito por pessoas negras é afrofuturístico.

Uma das frentes de trabalho que existem no Laboratório afeTAR é a de Dispositivos Clínicos. Nela temos um grupo de atendimento com pessoas com deficiência visual e um com-por pessoas negras. O COM-POR é um grupo de atendimento feito exclusivamente com pessoas negras, no qual a equipe de atendimento também é composta apenas por pessoas negras. Essa pesquisa é desenvolvida desde 2019 e foi aprovada pelo Comitê de Ética<sup>28</sup>. Já já eu explico como ele surgiu e como seguiu acontecendo de forma remota.

A questão que ficou muito viva para nós nessa conversa é que quando eu cuido da minha mãe (família/comunidade), esse cuidado acompanha uma perspectiva de preservação da existência, manter-se vivo. Neste caso, manter viva a minha mãe. No Com-Por, o cuidado com pessoas negras feito por pessoas negras, de maneira implícita, repactua "A gente combinamos de não morrer", um conto escrito por Conceição Evaristo (2016), mulher negra, linguista e escritora brasileira.

Este é um conto que narra vivências cotidianas de pessoas negras evidenciando o racismo, a pobreza, enfim, a política de extermínio, o genocídio da população negra. O conto é narrado por Bica, que conta como seu irmão foi morto e seu marido desapareceu. Menciona que entre seu marido e seus companheiros havia o pacto

---

<sup>28</sup> Número do CAAE 38878320.4.0000.5282

sustentado pela afirmativa "a gente combinamos de não morrer". Essa frase sempre é lembrada em diversas situações a fim de assegurar um pacto que mais do que garantir a existência, quer dizer manter uma resistência. Neste modo de viver, morrer se tornou tão cotidiano que atravessou a questão de estar vivo ou morto. "Eu sei que não morrer, nem sempre é viver. Deve haver outros caminhos, saídas mais amenas." (EVARISTO, 2016, p.68)

Combinar de não morrer é um acordo que se faz com o outro. É uma resistência que, apesar de se viver na pele de cada pessoa individualmente, tem a ver com uma pele coletiva criada para sustentar cada pessoa mesmo quando a outra não está mais em vida. Por isso é tão importante com-por com a comunidade, com o cuidado da minha mãe, com o grupo de pesquisa, com o COM-POR. É no encontro com outra pessoa, com a comunidade, que combinamos de não morrer e por isso resistimos.

Mungi Ngomane (2020), mulher negra, sul-africana, mestre em Estudos Internacionais e Diplomacia em "*Ubuntu: Lecciones de sabiduría africana para vivir mejor*" (Ubuntu: Lições de Sabedoria Africana para uma Vida Melhor) apresenta sua experiência de vida a partir do ubuntu. Na filosofia africana, ubuntu é uma palavra que diz respeito a "coragem, compaixão e conexão". De acordo com um provérbio africano seria "eu sou porque nós somos" ou "uma pessoa é uma pessoa através de outras". De acordo com Ngomane (2020), isso quer dizer que tudo o que aprendemos e experimentamos faz-se através do relacionamento com outras pessoas. Dessa forma, é importante estar ciente de que o que fazemos tem impacto não apenas na nossa vida, mas também na vida de outras pessoas.

Para Ngomane (2020), ubuntu vai além do provérbio. Uma pessoa que tem ubuntu é cuidadosa não apenas com o que faz, mas como o faz. Como falamos, como caminhamos diz sobre nós tanto quanto as nossas atitudes. Ubuntu é a proposição de que, se nos juntarmos, podemos superar qualquer dificuldade independente das nossas diferenças. "[...] ubuntu pode nos ajudar a coexistir em paz e harmonia" (p. 59). Sendo assim, o movimento de encontrar soluções para as questões está no relacionamento com as outras pessoas e não no afastamento.

A minha existência como pesquisadora, de fato, só é possível quando enfrente este momento cuidando da minha mãe, cuidando da minha comunidade, atendendo no COM-POR, com-pondo com o laboratório afeTAR. No encontro com

estas pessoas eu consigo existir, este trabalho pode existir, podemos com-por. Ubuntu traduz um modo de existência que foi se desenvolvendo ao longo desta pesquisa.

"Se falamos de saúde mental, o ubuntu nos diz que a união é nossa maior força; portanto, o isolamento prisional é considerado uma das punições mais severas. É irônico que em meio à revolução digital, quando nossas vidas estão mais interconectadas do que nunca por meio das mídias sociais, as pessoas estão se sentindo mais sozinhas e a solidão está atingindo proporções epidêmicas. É fundamental que interagamos mais, mas não através de uma tela, mas pessoalmente, como sempre foi feito."

(Ngomane, 2020, p.253, tradução nossa)

Compreendemos então que, neste caso, uma comunidade estava sendo cuidada não apenas no meu relacionamento com a minha mãe e a minha família, mas também no COM-POR. A qualidade de estarmos em grupo refere-se à formação de rede, de um cuidado não unilateral, mas distribuído ao grupo. Viver estes encontros, onde eu posso ser porque outras estão sendo, é muito importante para a população negra que é vítima de um processo de aniquilação Mbembe (2016). Este processo sedá em muitas áreas da vida, de maneira muito diversa - inclusive na saúde mental das pessoas negras. O objetivo é mesmo exterminar as pessoas negras, e o COM- POR é um lugar onde juntos criamos outros modos de existir frente a esse projeto político de extermínio.

#### **Trecho do Diário de campo**

*Começamos o encontro perguntando como havia sido a semana das participantes. Após um silêncio indeciso e olhares observando quem vai abrir o microfone primeiro para falar, uma participante se arrisca e diz que teve uma semana tranquila, e que recebeu uma notícia boa e que ficou feliz. Enquanto alguém da equipe de atendimento pergunta que notícia foi essa que a deixou feliz, o grupo aguarda com olhares curiosos. Como resposta, ela comenta sobre que foi aprovada em um processo seletivo com carteira assinada, e todos os benefícios que gostaria de receber. O grupo se envolve perguntando sobre a localidade e outros detalhes sobre o novo trabalho. A participante diz não ter comentado com ninguém sobre o processo seletivo para não gerar expectativas nas pessoas - seus familiares. Ela comentou que foi na sua avó e pensou comentar com ela, mas hesitou. Pensou em comentar com a mãe mas preferiu não comentar também. Apenas quando soube do resultado que compartilhou com seus familiares. "Como você percebeu durante esse processo de não contar para ninguém?", alguém perguntou. Ela disse que é uma pessoa muito ansiosa, fala sobre pensar demais nas próximas etapas do processo e planejou caso não conseguisse passar. Não contar foi uma forma de controlar a ansiedade para avançar para as próximas etapas. Um dos participantes diz que precisa comemorar a conquista mesmo por vídeo chamada, porque mesmo que a vitória seja dela é uma vitória para ele também.*

(CÂNDIDO, trecho do diário de campo, 2021)

### Trecho do Diário de campo

*Todas as segundas, às 14:20h nos reunimos na supervisão do estágio da professora Alexandra Tsallis. Alê. Nossas questões naquele momento estavam em torno de como seguir com o campo, visto que havíamos tentado implantar um trabalho junto a equipe do setor de ostomizados no Instituto Oscar Clark, porém não conseguimos nos vincular de maneira a seguir com um trabalho nesta parceria. Alexandra tem uma vasta experiência com os dispositivos clínicos e então pensando nas possibilidades de atuação dentro disso, relembremos sobre a última experiência que aconteceu no Serviço de Psicologia Aplicada da Uerj e em maneiras de driblar os impasses enfrentados pelo grupo na implantação deste dispositivo. Nossa disposição para essa reunião era em volta da mesa, uma mesa proposital, arrumada com uma passadeira feita por Tereza durante seu mestrado no Laboratório afeTAR, muitos artefatos ganhados por Ale e produzido por membros da equipe do afeTAR, organizada para receber nossos biscoitinhos e delícias que trazíamos para todas as supervisões. Enquanto pensávamos em ideias e modos de seguir com algum trabalho que fizesse sentido para o grupo, Alê se dirigiu a nós com um olhar agitado. Ela olhava para cima e seus olhos dançavam com as ideias em sua cabeça. Com um sorriso de expectativa ela propôs criarmos um dispositivo clínico com pessoas negras e sugeriu mais: que na atuação deste dispositivo estivessem apenas as estagiárias negras e o estagiário negro (que na época era apenas um mesmo). O grupo recebeu com ares de "que incrível! como nunca pensamos nisso?!". Então nos demos conta de que de fato esse trabalho apesar de inexistente na nossa universidade, era muito possível para nós porque a maioria das pessoas que compunham aquele grupo de estagiárias eram negras. Em nenhum outro estágio que participamos percebemos um número tão expressivo de estudantes negras. No mais, nossas discussões sempre alertavam para as questões raciais e as suas implicações nas nossas áreas de atuação dentro e fora daquela sala, da universidade. Era como se esse trabalho já fosse nosso antes de existir. Uma política de pesquisa e prática de cuidado em psicologia.*

(Santos, trecho do diário de campo, 2021)

Estamos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), que foi fundada em 1950 como Universidade do Distrito Federal (UDF), localizada no Maracanã, Rio de Janeiro, em um espaço em que antes abrigava a Favela do Esqueleto. No site Voz das Comunidades<sup>29</sup>, que tem como objetivo criar uma narrativa própria das comunidades por quem vive nelas, é possível encontrar uma matéria do dia 22/02/2017, feita por Fernando José, que conta um pouco sobre a comunidade do Esqueleto.

O site Vozes das Comunidades é um jornal criado em 2005 pelo jovem negro Rene Santos quando começou a perceber que a mídia não reproduzia nada de bom sobre a sua comunidade, e os verdadeiros problemas sociais que os

<sup>29</sup> <https://www.vozdascomunidades.com.br/geral/do-esqueleto-vila-kennedy-cinco-decadas-de-lutas-e-conquistas/>

moradores enfrentavam cotidianamente.<sup>30</sup> A importância de mencionar o trabalho do Vozes das Comunidades neste trabalho está na rede construída em outra área do conhecimento, em que pessoas negras, pobres e faveladas estão produzindo narrativas sobre suas próprias existências. O afrofuturismo é construído enquanto combate as histórias únicas sobre as comunidades.

Segundo a matéria, esta comunidade se estabeleceu no esqueleto da construção de um hospital público que não foi adiante, ficando o espaço com a obra inacabada. Na década de 1960, iniciou-se um programa de remoção das favelas e expulsão dos moradores, que foram transferidos para a comunidade conhecida hoje como Vila Kennedy, em Bangu. Essa remoção aconteceu na gestão do governador Carlos Lacerda e a verba para isso chegou de um acordo com os Estados Unidos chamado "Aliança para o progresso". Sua finalidade era financiar ações sociais para evitar o avanço comunista nos países da América Latina. Após a remoção dos moradores da comunidade, foi construída então a universidade que hoje conhecemos como Uerj.

Com o passar dos anos, acompanhando as transformações políticas e sociais, a inicialmente chamada UDF foi recebendo outros nomes até que em 1975 ganha o nome de Universidade do Estado do Rio de Janeiro. No ranking<sup>31</sup> do *Center for World University Rankings (CWUR)*<sup>32</sup>, publicado em abril de 2021, a UERJ aparece entre as dez universidades brasileiras e ocupa a 13ª posição na América Latina e Caribe. Como uma das principais universidades do país, de acordo com o site da própria universidade<sup>33</sup>, a UERJ atualmente conta com 16 unidades entre campi e unidades externas, 43 mil estudantes, 2.800 docentes, 5.600 técnicos, 90 cursos de graduação, 63 cursos de mestrado, 46 cursos de doutorado, 515 laboratórios e 2 unidades de saúde.

Indo na contramão do início de sua própria história, em 2003, a Uerj foi a primeira universidade do Brasil a implementar ações afirmativas de reservas de vagas com a Lei Estadual nº 4.151/2003, de 04 de setembro de 2003. Entretanto, o Projeto de Lei Federal que orienta todas as instituições federais de ensino superior, técnico e médio a adotarem políticas de ações afirmativas apenas teve início em

---

<sup>30</sup> <https://www.vozdascomunidades.com.br/nossa-historia/>

<sup>31</sup> Disponível em: <https://cwur.org/2021-22.php>

<sup>32</sup> O *Center for World University Rankings* publica anualmente um ranking global de acordo com a qualidade do ensino e investigação de universidades em todo o mundo.

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.uerj.br/a-uerj/a-universidade/>

2004 com desfecho em agosto de 2012. Se o estabelecimento da universidade aconteceu em um espaço onde houve a expulsão dos seus moradores, ela também foi a primeira instituição do país a tornar a universidade um terreno possível para o acesso de pessoas como essas.

A reserva de vagas atualmente destina-se a estudantes negros (pretos e pardos) e indígenas, oriundos da rede pública de ensino, pessoas com deficiência e filhos de policiais civis, militares, bombeiros militares e inspetores de segurança e administração penitenciária (mortos ou incapacitados em razão do serviço). No ano seguinte à implementação das ações afirmativas, cuidando não apenas do ingresso dos estudantes na universidade, mas também da sua permanência, foi criado o Programa de Iniciação Acadêmica (Proiniciar), que oferece disciplinas instrumentais, oficinas e atividades culturais. Além disso, oferece a bolsa permanência e parte do material didático aos estudantes cotistas<sup>34</sup>.

Luiz Fernando da Silva (2017), homem negro, advogado, professor universitário na área jurídica e pesquisador, aponta que as ações afirmativas como políticas para a democratização de acesso à educação aconteceram a partir de discussões e debates levantados por movimentos sociais e destaca o protagonismo do movimento negro "após ter incluído a questão racial no centro da agenda nacional de direitos humanos" (p.5). Antes disso, o movimento nacional por direitos humanos não reconhecia as relações raciais ao considerar as vítimas das violações dos direitos humanos.

Apesar do processo de democratização já ter sido iniciado no Brasil e a universidade ainda ser um lugar inacessível para boa parte da população, as políticas de ações afirmativas de reservas de vagas ou cotas trazem um novo cenário para a universidade. Tratando-se especificamente da Uerj, muitos outros fatores contribuem para a mudança desse cenário. Um deles é o fato desta universidade estar distribuída em muitas cidades do estado do Rio de Janeiro e, também, por seu maior campus em tamanho e número de cursos, o Francisco Negrão de Lima, estar localizado em uma região com acesso ao trem, metrô e ônibus para muitas cidades do estado do Rio de Janeiro. O segundo é pela universidade contar com muitos cursos noturnos, o que possibilita que muitos trabalhadores sejam também estudantes da universidade.

---

<sup>34</sup> <https://www.uerj.br/wp-content/uploads/2019/01/uerjemquestao97.pdf>

A importância de contar um pouco sobre a história da Favela do Esqueleto, o surgimento da UERJ e o sistema de ações afirmativas se dá porque a confluência dessas histórias nos conta sobre a educação, quem pode acessá-la e quais possibilidades se abrem ou se reduzem com esses movimentos. Trata-se da emergência e dos caminhos que tornaram a Uerj um terreno fértil para que trabalhos como COM-POR possam acontecer. Nos contam sobre uma das formas de nos silenciar: impedir o acesso à educação.

"Porque os olhos brancos não querem nos conhecer, eles não se preocupam em aprender nossa língua, a língua que nos reflete, a nossa cultura, o nosso espírito. As escolas que frequentamos, ou não frequentamos, não nos ensinaram a escrever, nem nos deram a certeza de que estávamos corretas em usar nossa linguagem marcada pela classe e pela etnia."

(GLÓRIA ANZALDÚA, 2000, p. 229).

Quando estamos fora das escolas e das universidades, isso restringe nossa comunicação, nosso deslocamento, nossas oportunidades. Compreendo que essa não é a única forma de se relacionar e se comunicar, mas no país em que vivemos e como as coisas se dão aqui, precisamos nos mover dentro de um padrão de comportamento a fim de assegurar minimamente a existência. Não é sobre a língua em si, mas sobre o que "[...] os opressores fazem com ela, como eles a moldam para se tornar um território que limita e define, como eles fazem dela uma arma que pode envergonhar, humilhar, colonizar." (bell hooks, 2008, p. 858)

À medida em que habitamos espaços como a universidade e vamos nos reconhecendo uns nos outros, criamos quilombos a fim de nos fortalecermos para permanecermos nesses espaços. Com Abdias Nascimento (2009), aprendemos que o quilombo nasce da "[...] necessidade urgente ao negro de defender sua sobrevivência e de assegurar a sua existência de ser." (p.202). Ainda segundo o autor, o quilombo é um movimento amplo e permanente, o que nos faz compreender vivê-lo ainda hoje. No estágio de clínica ampliada, orientado pela professora Alexandra Tsallis, quando nos demos conta, havia mais estudantes negras e negros do que brancas e brancos. Algo estava estabelecido naquele espaço que nos uniu ali. Nossa existência, nossa presença com-punha futuro.

Não se tratava exclusivamente das comidas que partilhávamos nos encontros em volta da mesa, tampouco apenas da relação horizontal estabelecida entre a supervisora e os estagiários e estagiárias. Naquele espaço as relações

raciais eram explícitas. Ao cuidarmos de um usuário do SPA (Serviço de Psicologia Aplicada), a raça dessa pessoa importava. Assim como também a raça de quem atendia e o que surgia do encontro entre as pessoas. Tais questões eram compreendidas como importantes para o que estava em jogo ali e para como seguiríamos os atendimentos. Este era um dos poucos espaços onde era possível pensar a psicologia e as relações raciais naquele momento, naquela universidade. Tais questões estavam sempre postas à mesa com as comidas em nossas supervisões. Isso só foi possível porque a nossa presença convocava estas discussões.

## 2.1 Psicologia e Racismo

Santos, Schucman e Martins (2012) registram três momentos do pensamento psicológico no Brasil com relação às questões étnico-raciais. O primeiro, no final do século XIX e início do século XX, é caracterizado por um modelo médico-psicológico que resultou na escola Nina Rodrigues, conhecida pelas pesquisas com pessoas negras (escravizadas)<sup>35</sup>. O segundo, de 1930 até 1950, marcado pela introdução da psicologia no ensino superior e pelas contribuições de autoras e autores, como Virginia Bicudo, para a desconstrução do determinismo biológico das raças. O terceiro, de 1990 em diante, com os estudos em Psicologia sobre branquitude, branqueamento e seus efeitos sobre a identidade étnico-racial das pessoas negras, assim como também sobre a identidade étnico-racial da pessoa branca.

Na época do Brasil Colônia, as preocupações psicológicas estavam muito atreladas à medicina e à educação. Assim, o pensamento psicológico foi se desenvolvendo a partir de outros saberes, só aos poucos foi adquirindo seu próprio espaço. De acordo com Mitsuko Aparecida Makino Antunes (2014), mulher amarela, doutora em psicologia, os principais autores desse momento exerciam função religiosa e escreveram sobre "[...] processos psicológicos, diferenças

---

<sup>35</sup> Utilizamos o termo escravizadas ao invés de escravas porque este último significa uma condição inerente à pessoa, enquanto escravizadas refere-se ao fato de as pessoas negras serem submetidas, contra sua própria vontade, ao trabalho escravo.

raciais, aculturação e técnicas de persuasão de 'selvagens', controle político e aplicação do conhecimento psicológico à prática médica." (p.18). — atendendo ao movimento colonial de justificar e legitimar a exploração.

Os saberes produzidos nesse momento buscavam soluções para uma nova ordem social. Muitos assuntos que surgiram naquela ocasião permanecem até hoje — alguns com as mesmas, outros com abordagens completamente diferentes. Entretanto, apesar de expressarem as relações de exploração, os saberes psicológicos na colônia não eram homogêneos.

As contradições podem ser verificadas de maneira mais clara nas posições políticas de alguns autores que entraram em confronto com a metrópole, ainda que alguns deles tivessem relações diretas e amigáveis com a coroa portuguesa, como foi o caso de Padre Vieira, que não apenas defendeu judeus convertidos e não convertidos (um dos motivos para sua intimação pelo Tribunal do Santo Ofício, o que lhe custou a detenção e, posteriormente, a prisão domiciliar) mas também se posicionou contra a escravização de indígenas e de africanos, denunciando a barbárie das condições de trabalho e de vida impostas a eles no Brasil, destacando as sevícias impostas sobretudo aos escravos negros. (Antunes, 2012, p. 48)

Deixando de ser Colônia e se tornando Império, no século XIX, o Brasil ainda estava sob o poder português. O pensamento psicológico se tornou mais sistemático com a vinculação institucional e principalmente atrelado à educação e à medicina. Há um foco nas questões sociais, mas não há um compromisso social com a maior parte da população. A precariedade da saúde e higiene eram relacionadas a questões psicológicas. Ideias higienistas e eugenistas, de normatização, pautadas pelo poder médico, são mais difundidas com vista a conter os desvios, eliminar a desordem. "A Medicina Social contribuiu também no plano da intervenção social, o que remete à defesa da criação de hospícios, uma necessidade imperativa para a higienização e a normalização da sociedade." (p. 29).

Para Antunes (2014), nesse momento o indígena livre consegue resistir melhor às investidas de controle e exploração por estar mais próximo de sua terra. Já os afrodescentes, mesmo livres, estão destituídos de tudo, inclusive de sua terra, o que os torna foco maior dessas ações de exploração e controle que se mantinham. O povo sequestrado de sua terra, desenraizado, o deslocamento forçado coloca todo um povo à deriva em terra firme, que não é tão firme assim, pois a terra debaixo de seus pés está sendo sempre retirada. Não há terra sustentando seus pés, seus corpos, então a relação com essa nova terra precisa

ser feita de outras formas.

*Ao falar do motivo de alegria, uma das participantes, disse que foi pra uma casa de praia com uns amigos. Disse que desde de Janeiro não dá um mergulho e que isso a deixou leve. Falou que uma amiga fez um jogo de búzios pra ela também. Contou que antes de fazer terapia, quando estava mal, pegava suas coisas e ia pra natureza. Era um jeito de pensar e estar empaz consigo mesma. Escrevia sobre o que estava passando... pontos. Perguntamos se ela ainda pratica essa escrita, ela disse que sim, mas só quando está triste. Quando está bem, bem triste, quando não aguenta mais chorar, porque quando ela não consegue mais falar, ela escreve e escreve porquê acha que está sentindo o que está sentindo.*

(SANTOS, trecho do diário de campo, 2021)

"Dessa forma, o sentimento de pertença (ou não) tem extrema relevância na adaptação e integração das pessoas vivenciando a migração, tratando-se de um processo de uma complexidade imensurável, que atravessa dimensões territoriais, relacionais, socioculturais, geopolíticas, identitárias, etc. Nesse sentido, o envolvimento e a fixação da pessoa migrante com seu novo território de vida não ocorre aleatoriamente. Alguns fatores encorajam e incentivam esse envolvimento, enquanto outros repelem qualquer tentativa ou interesse em fazê-lo."

Monique Brito (2021, p. 141)

Com um pouco mais de autonomia, o Brasil adquire um mais de facilidade no contato com outros países e recebe influência de ideias vindas da Europa, principalmente da França, que também corrobora para a afirmação de um pensamento com vistas a usar a diferença para justificar a exclusão social.

No final do século XIX, inicia-se um processo que leva a Psicologia, no Brasil, a se estabelecer de forma autônoma. O fato da psicologia já ser um saber independente de outros na Europa e nos Estados Unidos, assim como a necessidade cada vez maior de aprofundamento de estudos possibilitaram que isso acontecesse. Como nos países da Europa e nos Estados Unidos a Psicologia como ciência já estava mais difundida, esses países se tornaram referências, locais onde brasileiros buscaram se aperfeiçoar nos estudos da psicologia. (ANTUNES, 2012).

Muitas foram as realizações desenvolvidas tanto no interior da Educação como da Medicina, que foram sustentáculos para que a Psicologia conquistasse o estatuto de ciência autônoma no Brasil. Demandas desses campos e possibilidades de respostas trazidas pela nova ciência foram fundamentais para esse processo. (Antunes, 2012, p. 54)

Nesse momento, a Psicologia está articulada ao projeto de modernização do país. A economia se desenvolveu com o modelo agrário, principalmente cafeeiro, proporcionando o processo de industrialização do país. Com isso, os

problemas existentes na saúde, educação e organização do trabalho se agravaram e a psicologia e outros saberes foram convocados a contribuir com as soluções para esses problemas. Uma nova racionalidade estava sendo produzida baseada no modelo científico. Hildeberto Martins (2009), homem negro, doutor em psicologia social, afirma que nessa lógica "O indivíduo passava a ser visto não mais como um ser independente mas como um sujeito altamente passível a certas determinações, biológicas, psicológicas ou sociais." (p. 146).

Os estudos produzidos nesse momento eram resultado de testes na área médica, como a psiquiatria, cujas intervenções estavam muito atreladas à medicina e à educação. Apesar de todos os períodos (assim como nesse) haver contradições acerca dos conhecimentos produzidos, muitos estudos traziam as características étnico-raciais como determinantes de doenças mentais. Raimundo Nina Rodrigues, homem branco, médico psiquiatra brasileiro, foi um grande defensor dessas ideias baseadas no Darwinismo Social, no qual as diferenças eram justificadas por características inatas que determinavam a superioridade e a inferioridade das pessoas. (SANTOS, SCHUCMAN & MARTINS, 2012). Nina Rodrigues, cujo teor era marcadamente racista, considerando as manifestações culturais negras como sintomas da degenerescência mental, em função da inferioridade racial. (Antunes, 2014, p. 54)

De acordo com Evenice Chaves (2003), mulher negra, doutora em psicologia, Nina Rodrigues atribuiu as dificuldades econômicas e a epidemia de beribéri<sup>36</sup> que a Bahia estava enfrentando ao fato da população ser predominantemente negra. Em sua teoria foi ignorado o fato da mudança da capital do país para o Rio de Janeiro, assim como a proibição do tráfico atlântico e os ciclos econômicos que propiciaram a emigração de pessoas escravizadas. Com seus estudos inspirados na produção científica europeia ele patologizou os conflitos da vida cotidiana e situou seus estudos sobre movimentos de massas na Psicologia Social.

Concluiu que tanto a decadência do Estado quanto o caráter epidêmico da doença conformavam uma enfermidade, decorrente de uma predisposição vesânica ou neuropata, transmitida pelo contágio por imitação, a qual operava em um meio caracterizado por circunstâncias múltiplas: meteorológicas, étnicas, político-sociais e patológicas. (Chaves, 2003, p. 32)

---

<sup>36</sup> Doença que acontece em pessoas com deficiência nutricional de vitamina B1.

Após a morte de Antônio Conselheiro, um líder religioso brasileiro que liderou o Arraial De Canudos em 1897, Evanice Chaves (2003) afirma que Nina Rodrigues realizou uma craniometria em Conselheiro na qual concluiu que, apesar da estruturanormal de seu crânio, ele apresentava condições de mestiçagem. Isso justificaria, como loucura, as atitudes de Conselheiro ao liderar as pessoas no enfrentamento da polícia, no qual conseguiram resistir, e no estabelecimento da população do povoado de Belo Monte. A loucura de Conselheiro, então, foi o que contaminou a massa por contágio passivo. Assim, o líder era o agente e as outras pessoas apenas reagiam a partir das emoções irracionais. Tratava-se de uma espécie de delírio coletivo.

Os trabalhos de Raimundo Nina Rodrigues e da denominada Escola Baiana de Antropologia ou Escola Nina Rodrigues possibilitaram a formulação de um modelo psicofísico de explicação sobre as deficiências do negro brasileiro e sobre as consequências sociais da manutenção do convívio com essa raça. (Santos, Schucman e Martins, 2012, p. 169)

Na década de 30, no curso de Psicologia Social da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo e na Escola de Economia e Direito da Universidade do Distrito Federal, foram ministrados cursos que tratam do preconceito étnico-racial. É nesse momento que nomes como o de Virgínia Leone Bicudo, mulher negra brasileira, socióloga e a primeira psicanalista não médica do país, e Oracy Nogueira, homem branco, sociólogo brasileiro, tornam-se os principais nas produções sobre psicologia e relações raciais diferentes do que vinha sendo produzido anteriormente.

Em 1945, Virgínia Bicudo defende sua dissertação de mestrado intitulada "Estudo de Atitudes Raciais de Pretos e Mulatos em São Paulo", onde a psicanalista fez entrevistas com pais de alunos de escolas públicas. De acordo com Marcos Chor Maio (2010), homem branco, cientista social, a autora, em sua dissertação, evidencia a rivalidade entre as pessoas negras de classe social diferente, que alegam inclusive serem melhor tratadas por pessoas brancas. Em análise, a autora conclui que este é um sentimento compensatório com relação ao sentimento de inferioridade da pessoa negra (para evitar conflito com o branco). Assim como também a pessoa negra, mesmo em ascensão, sofre preconceito racial. Inclusive, ela tem mais possibilidade de adquirir consciência racial por perceber que, mesmo tendo condições de ocupar os mesmos espaços, são

impedidos pela cor da pele. Entre outras questões, afirma que no Brasil há o preconceito de cor, sendo este diferente do preconceito de raça e classe.

"Virgínia Leone Bicudo, Aníela Ginsberg e Dante Moreira Leite explicam as diferenças entre raças através dos fatores ambientais, e combatem a noção de que existem determinantes genéticos subjacentes a essas diferenças, que são explicáveis pelas condições econômicas e educacionais e pela socialização. Os estudos de Psicologia e de Psicologia diferencial realizados pelos três pesquisadores nas décadas de 40 e 50 são fundamentais para desconstruir a visão determinista biológica das raças que prevalecia na Psicologia até então e para mostrar que é na interação dos indivíduos com os grupos e com a sociedade que as diferenças podem transformar-se em desigualdades." (Santos, Schucman e Martins, 2012, p. 171)

Na década de 80, Neusa Santos Souza, mulher negra, psiquiatra e psicanalista brasileira lança o livro da sua dissertação de mestrado intitulada: "Tornar-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social". Em seu trabalho, Neusa Souza entrevista pessoas negras a fim de estabelecer um saber sobre o negro, por ele mesmo. Faz uso da psicanálise para retomar o assunto do racismo no Brasil, que foi silenciado durante o período da ditadura militar com a proposição da democracia racial. Neusa Souza explicita como o negro, mesmo em ascensão social, sofre com o racismo e sobre os efeitos que isso produz na forma como a pessoa negra se vê, e como ela lida com seu corpo, por exemplo. Além disso, as proposições de Neusa Santos junto a outros psiquiatras contribuíram para a Reforma Psiquiátrica. A psicanalista desenvolveu contribuições muito importantes nos Hospitais do Engenho de Dentro (Hospital Nise da Silveira) e na Casa Verde em Botafogo.

Em 1990, nomes como o de Maria Aparecida Bento e Iray Carone e seus estudos sobre branquitude e branqueamento mudam o foco dos estudos em Psicologia Social. Tomam a raça como construção social que tem implicações nas relações de poder. Se antes o objeto dos estudos era a pessoa negra, encarada como problema dos avanços da sociedade brasileira, o novo pensamento psicológico trazido para os estudos evidencia que o privilégio branco está nele ser considerado universal, enquanto apenas a pessoa negra é exclusivamente racializada. Ser universal proporciona ao branco o privilégio de não se identificar nas relações desiguais. Esse movimento tem um propósito de autopreservação da branquitude, chamado por Maria Aparecida Bento de pacto narcísico da branquitude. Nesse sentido, o branco sempre é percebido como ser individual,

suas atitudes não são vistas a partir de seu impacto coletivo, mas sempre como um movimento isolado. Enquanto o negro é tomado sempre como ser coletivo (o que uma pessoa faz caracteriza todas as outras).

"[...] o que se observa é que, mormente as diferentes concepções e práticas políticas desses grupos, há algo semelhante a um acordo no que diz respeito ao modo como explicam as desigualdades raciais: o foco da discussão é o negro e há um silêncio sobre o branco.

Assim, o que parece interferir neste processo é uma espécie de pacto, um acordo tácito entre os brancos de não se reconhecerem como parte absolutamente essencial na permanência das desigualdades raciais no Brasil." (BENTO, 2003, p. 33)

As contribuições de autoras como Virginia Bicudo, Neusa Santos e Maria Aparecida Bento são pouco mencionadas nos currículos de Psicologia no Brasil. Trata-se de uma estratégia nomeada por Boaventura de Souza Santos (1998) como epistemicídio "[...] o processo político-cultural através do qual se mata ou destrói o conhecimento produzido por grupos sociais subordinados, como via de manter ou aprofundar esta subordinação."<sup>37</sup> (p. 208). Dessa forma, o pacto narcísico da branquitude se mantém enquanto continua universal o modo de ser branco/europeu na disseminação do conhecimento e nas práticas de cuidado apenas dessa população. Enquanto o conhecimento produzido, nesse caso, pelas pessoas negras é desconsiderado, não mencionado e ficamos sempre reféns da produção que nos objetiva.

Sem a pretensão de esgotar todos os aspectos que envolvem a emergência da psicologia no Brasil e sua relação com o racismo, é importante atentar para a construção histórico-social em que esses saberes se construíram a fim de compreender os efeitos que esse percurso produziu e ainda produz no modo como nos relacionamos frente às questões raciais como profissão.

No estudo da formação histórico-social do Brasil proliferam trabalhos relacionados com os aspectos econômicos e políticos, enquanto as "teorias" que tentam explicar os aspectos ideológicos desta sociedade limitam-se a adaptar conceitos importados de uma ciência social europeia ou norte-americana, restringindo sua discussão a fechados círculos intelectuais ou mesas-de-bar em fim de noite. (Nascimento, 2006 p. 98)

#### **Trecho do Diário de campo**

*Uma das participantes se apresentou com seu nome e idade. Contou que faz serviço social, e sempre se sentiu oprimida na universidade. A noite era o momento em que se sentia um pouco melhor porque via as pessoas pretas na universidade. E isso a fez conseguir frequentar mais a universidade. E que a estética também é algo importante para ela, que*

---

<sup>37</sup> Tradução livre

*ela se preocupa como que vestir, por exemplo, procurando vestir roupas que a deixe confortável. Continuou dizendo que se sente desestimulada pelos espaços que ela frequenta pela maior presença das pessoas brancas. Deu o exemplo do CAPS onde estagia que só tem pessoas brancas e pretos são apenas os usuários. E ao elaborarem alguma atividade ninguém pensa na questão racial que atravessa aquele trabalho e só ela então propõe pensar sobre essas questões. Se sente cansada intelectualmente por sempre ter que fazer mais. “Esse espaço não é pra mim. Esse espaço não é meu” disse ao falar sobre a universidade quando se trata das questões intelectuais. E conversando com outras pessoas sentiu que isso não era só uma coisa dela mesma. (SANTOS, trecho do diário de campo, 2019)*

Um dos efeitos do epistemicídio é fazer com que a universidade, como lugar privilegiado de produção de conhecimento, não seja habitado por pessoas negras, afinal, o conhecimento produzido por essa população não é reconhecido, mesmo quando essa produção tem grande impacto em uma área do saber como os trabalhos desenvolvidos por Bicudo e Souza já citados anteriormente. A partir disso é possível compreender os mecanismos histórico-sociais envolvidos quando uma pessoa negra não se sente pertencente ao espaço universitário.

No diário acima também é possível perceber o sentimento de não pertencimento, acompanhado de um senso estético de como se vestir ao frequentar o espaço da universidade. Estar no mundo, para as pessoas negras, tem muitas implicações. Também como uma mulher negra, criada por outra mulher negra, recordo-me de minha mãe impedindo a mim e a meu irmão de andarmos de chinelo na rua para a poeira do chão não sujar nossos pés, assim como do fato de sempre termos usado hidratante nos braços e nas pernas para não ficarmos com aspecto sujo na pele... Não se tratava especificamente da nossa higiene, mas de manter a mínima referência à sujeira. Os princípios higienistas faziam circular a ideia de má higiene como própria das pessoas negras e não, de fato, a precariedade das suas condições de existência.

Seguindo essa lógica, trago outra experiência onde as práticas higienistas e eugênicas corroboram com a narrativa criada pela branquitude com finalidade de reduzir a negritude nos níveis da subjetividade. A experiência é da monografia intitulada “O *dançar afro* no caminhar ancestral: lembrar, rememorar e reconhecer” do atualmente psicólogo e mestrando em Psicologia Social, Hebert Santos, homem negro e gay.

*“Minha mãe sempre me dizia “você deveria me agradecer por melhorar a família”, e às vezes no lugar de “melhorar”, surgia a palavra “limpar”. Um grande amigo de infância, relata ouvir o mesmo de sua mãe. Melhorar e limpar a família, está diretamente ligado a ser branco, ou seja, não*

escurecer, mas fazer o inverso: clarear. Se trata de uma alusão direta ao processo higienista e eugenista no Brasil, que repercute até os dias atuais desde do período pós abolição e proclamação da república. As palavras usadas se unem fazendo menção ao “melhorar” enquanto processo eugenista, visando ser branco e embranquecer a população e, “limpar” referente ao higienismo, que refere a negritude enquanto sujeira/resto social. Nesses processos, negros são colocados a se relacionar com brancos para “limpar e melhorar” suas peles. Nesse sentido historicamente construído no Brasil, se você é negro e se relaciona com outro negro, você não contribui para a evolução da sociedade. (SANTOS, 2019, p.22)

Por fim, vemos nesse pequeno trecho que a procura por seus pares torna mais possível sustentar seu lugar na universidade. Sobre isso, no capítulo em que falamos sobre a importância de nós, pessoas negras, estarmos juntas neste trabalho, traremos o conceito de aquilombamento por Abdias Nascimento e como esse movimento nos fortalece como população e nos ajuda a resistir, e existir, nos espaços de opressão e como isto se traduz no ambiente universitário.

(...) o racismo — que se materializa como discriminação racial — é definido por seu caráter sistêmico. Não se trata, portanto, de apenas um ato discriminatório ou mesmo de um conjunto de atos, mas de um processo em que condições de subalternidade e de privilégio que se distribuem entre grupos raciais se reproduzem nos âmbitos da política, da economia e das relações cotidianas. (ALMEIDA, 2018 p.24)

### 3. COM-POR

Inicialmente chamado "Grupo Terapêutico para Pessoas Negras", o COM-POR, é um grupo terapêutico composto apenas por pessoas negras. O objetivo do grupo é de oferecer um serviço para pessoas negras por pessoas negras. Com o histórico da colonização do Brasil e o fim da escravização — mas não da lógica escravocrata — pessoas negras sofrem racismo em todos os espaços, inclusive naqueles que se pretendem terapêuticos. Logo, o COM-POR é um espaço de escuta, trocas, acolhimento e cuidado para pessoas negras entre pessoas negras.

Wade Nobles (2009), um homem afroamericano, professor e pioneiro do movimento de psicologia afro-americano, usa a metáfora do descarrilamento para explicar a situação psicológica das pessoas negras. Um trem quando descarrila, ele continua andando, porém fora da linha. Algo está muito errado, mas continua andando sem ajuste. Nós, negras e negros em diáspora<sup>38</sup>, percorremos tantos caminhos fora da linha que é difícil perceber onde se está e por onde seguir. As demandas de sobreviver em detrimento de tudo o que nos foi tirado — e ainda nos é negado — não nos permite ferramentas para voltar para a linha. O descarrilamento cultural e psíquico é difícil de definir porque continuou-se vivendo apesar disso.

"A metáfora do descarrilhamento é importante porque quando isso ocorre o trem continua em movimento fora dos trilhos; o descarrilhamento cultural do povo africano é difícil de detectar porque a vida e a experiência continuam. A experiência do movimento (ou progresso) humano continua, e as pessoas acham difícil perceber que estão fora de sua trajetória de desenvolvimento. A experiência vivida, ou a experiência dos vivos, não permite perceber que estar no caminho, seguindo sua própria trajetória de desenvolvimento, proporcionaria a eles uma experiência de vida mais significativa.

(NOBLES, 2009, p. 284)

A lógica usada para justificar a escravização das pessoas negras e indígenas, no Brasil, estava diretamente ligada a descaracterização destas pessoas como humanas. Elas eram tratadas como animais e mercadorias. O merecimento estava fundamentado na cor da pele, sendo a mais escura menos merecedora. Com isso, as pessoas escravizadas foram tomadas inferiores e

---

<sup>38</sup> Diáspora diz respeito ao deslocamento de massas populacionais forçado ou incentivado. A diáspora referindo-se a pessoas negras caracteriza a imigração forçada de africanos, durante o tráfico transatlântico de escravizados

portanto mereciam estar neste lugar de trabalho escravo. Com a abolição as pessoas escravizadas deveriam viver na sociedade com iguais direitos. Entretanto, o processo de embranquecimento acontece como uma forma de extermínio do considerado da população antes escravizada. Deste modo, os humanos eram as pessoas brancas ou as embranquecidas.

"O 'embranquecimento' é um ataque psicológico ao senso fundamental dos afro-brasileiros do que significa ser uma pessoa humana. [...] A realidade mais importante para se definir é o significado da própria condição de ser humano. o processo de "embranquecimento" foi e continua sendo uma tentativa de redefinir para os africanos no Brasil o que significa ser uma pessoa humana. Ao fazê-lo, afirma que ser africano era ser menos humano e que por meio do processo de 'embranquecimento' os africanos poderiam tornar-se humanos. Com efeito, o 'embranquecimento' associa a bondade, o sucesso, a criatividade, o gênio, a beleza e a civilização com a brancura.

(NOBLES, 2009, p. 284)

Gouveia e Zanello (2019), em um estudo com mulheres negras atendidas por psicoterapeutas brancas e brancos, concluem que a ausência da temática racial na formação limita a experiência de cuidado das mulheres negras porque o psicoterapeuta universaliza as questões trazidas como "humanas" — assim, muitas das suas questões acabam sendo tratadas com familiares e amigas com quem elas tenham identificação racial. Para Nobles (2009), a psicologia

"... como instrumento ocidental de compreensão humana prática, tem limitações básicas em sua capacidade" para cuidar de pessoas negras por não ter nítida o que se trata a experiência humana das pessoas negras. É preciso "não apenas compreender o significado e a experiência de ser africano, mas também conhecer a utilidade e a realização da fé, da alegria e da beleza em ser, pertencer e torna-se africano." (p.278).

O grupo, apesar de ser proposto explicitamente pela questão racial, não tem um tema específico a ser tratado nos encontros. Os temas são livres e podem partir tanto dos participantes quanto da equipe de atendimento, mas sempre de acordo com o que faz sentido para o grupo. Por se tratar de um grupo exclusivamente com pessoas negras, entendemos que o racismo, ainda que não seja a pauta principal, atravessa qualquer experiência que tenhamos. Logo, a ideia não é que o racismo ou as questões raciais sejam o tema. Mas atentar para a complexidade adicionada às experiências de vida das pessoas negras pelo racismo. Cuidamos de ter a fala e a escuta atentas para que este espaço não seja mais um reproduzidor de racismo ou que minimize as nossas dores e os nossos sofrimentos.

### Trecho do Diário de campo

*Este primeiro encontro aconteceu um dia após o feriado de 23 de abril, e uma das questões trazidas pelas participantes foi a de não ter feito nada da faculdade no feriado. Uma revolta abraçada por culpa incomodava todas elas que frequentavam a universidade, ou que já haviam frequentado. Uma das queixas era a sobrecarga, outras o horário das turmas que não permitia quem trabalhasse ou morasse muito distante pudesse frequentar. Elas se sentiam obrigadas a dizer não para as oportunidades, quando na verdade o não já estava dito nas disposições das atividades. Foi aí, então, que uma pessoa da equipe atendimento perguntou como as meninas achavam que seria uma universidade que contemplasse -elas- (no momento em que escrevi "elas" no caderno, parei, risquei e escrevi "a gente"). Nesse instante eu me deparei com a questão de quem seriam "elas" e "nós". Eu me sentia tão contemplada por tudo o que estava sendo dito por pessoas tão iguais a mim/nós que ficou confuso esse lugar. O que eu estava anotando não era só sobre elas (?) era sobre mim/nós todos também. (SANTOS, trecho do diário de campo, 2019)*

O trecho acima faz parte do primeiro diário de campo do COM-POR que eu mesma estava responsável por redigir. Nesse encontro só haviam participantes mulheres. O único homem da sala era um participante da equipe de atendimento. A maior parte das participantes frequentavam a universidade, algumas delas já estavam formadas e conheciam bem a dinâmica de ser uma mulher negra na universidade. Elas colocavam para o grupo a dificuldade que tinham de se sentirem pertencentes aos espaços, principalmente o da universidade. Nesse contexto, então, é feita uma pergunta para o grupo: "como seria a universidade que as contemplasse?". No momento desta escrita, registrando o que estava acontecendo, eu escrevo "elas" mas estranho este escrito. Risco. Escrevo "a gente".

Apesar de haver uma diferença de lugar entre os participantes e a equipe de atendimento, eu era uma das pessoas que não se sentiam pertencentes à universidade por ser uma mulher negra. Como tal, tive que trabalhar e estudar e também tive que dizer não a várias disciplinas ou estágios que julguei muito interessantes. Uma marca constante de um trabalho como este é que quando falamos das questões da população negra, estamos falando delas e de nós também. Estamos falando das participantes, da equipe de atendimento, de suas famílias, de seus ancestrais. Por isso o estranhamento da terceira pessoa do plural é tão importante: preferi o uso da primeira pessoa do plural.

Por essa razão, neste trabalho, em muitos momentos você encontrará a primeira pessoa do plural sendo utilizada justamente por se tratar de um trabalho feito com-por. Trata-se de uma afirmação e reafirmação ética e política a respeito de

quem o escreve e sobre as pessoas que com-põem este trabalho, esta escrita comigo — que são em sua maioria mulheres, desde o trabalho de campo até a orientação. Assim como na psicologia, na qual somos a maioria mulheres. Como bem explicita Monique Brito (2021), mulher branca, nordestina, psicóloga e doutora em psicologia social, na língua portuguesa muitas vezes somos nomeadas pelo masculino — e não se trata de fazer o contrário —, mas de uma convocação da força do feminino que com-põe este trabalho, para a sua escrita. Então, dessa forma, o gênero feminino aqui está sendo usado quando pelo menos uma das pessoas referidas for mulher.

Neste texto também apostamos em uma política de escrita em que mencionamos não apenas o último nome das autoras e autores mencionados, como também o primeiro nome e características como gênero e raça. Isto faz parte de uma política que busca romper com a invisibilidade produzida pelas normas acadêmicas, em que não sabemos quem está dialogando conosco no texto. Maria Aparecida Bento (2003) explica como o privilégio do branco está baseado em a pessoa branca não ser racializada. Desta forma, todas as vezes em que raça não é mencionada, imagina-se estar se referindo a uma pessoa branca.

Djamila Ribeiro (2017), mulher negra, filósofa, escreve sobre lugar de fala e sua produção contribui para desmistificar o conceito que se popularizou entre os grupos privilegiados para justificar o não envolvimento nas causas das minorias alegando que este não é seu lugar de fala. Neste trabalho, assim como Djamila Ribeiro (2017), entendemos que pertencer ou não a um grupo minoritário não nos impede de nos engajarmos em tal luta. Mas, que o lugar de onde falamos é que vai explicitar que lugar ocupamos nesta luta. Aqui todas as raças serão mencionadas a fim não apenas de explicitar quando uma pessoa branca for citada, mas porque "[...] essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica." (DJAMILA RIBEIRO, 2017, p. 59-60)

Em sua primeira edição, o grupo acontecia no décimo andar da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA). O grupo era composto por 5 estagiárias e convidamos 12 participantes para o grupo. A chamada foi realizada através das redes sociais das estagiárias nas quais divulgamos uma arte contendo as informações do grupo

como: a quem se destinava, o limite de vagas, onde aconteceria, o dia, horário e a duração. Assim como também as informações referentes à coordenadora do Laboratório afeTAR, Alexandra Tsallis (por se tratar da divulgação de um atendimento psicológico).

Na divulgação colocamos prazo limite para as inscrições, que ficaram abertas por três dias. As inscrições se davam por email. Tivemos 59 inscrições e convidamos as 12 primeiras pessoas inscritas para participarem do grupo. Entramos em contato com as outras 47 pessoas informando-as sobre o limite de vagas e que elas haviam sido preenchidas. Ao longo dos encontros, à medida que algumas pessoas ficavam indisponíveis para continuar participando do grupo, convidávamos outras pessoas que se inscreveram (seguindo a ordem de inscrição da lista de espera que criamos). Todas essas pessoas foram notificadas que as vagas eram limitadas e que já tinham sido preenchidas e perguntadas por email se elas gostariam de ficar na lista de espera caso alguma vaga surgisse.

Nas primeiras edições, que aconteceram presencialmente, os encontros tinham a duração de 2h. Nos encontrávamos em uma sala do SPA da UERJ, cujas cadeiras ficavam dispostas em formato de roda e a equipe de atendimento aguardava as participantes em uma com-posição em roda (para que não ficasse de um lado a equipe de atendimento e do outro as participantes). Os encontros aconteciam das 18h às 20h. Escolhemos esse horário por compreender que o período da noite atenderia melhor às pessoas negras levando em conta os períodos de trabalho e também de deslocamento, já que a UERJ está localizada no bairro Maracanã, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Na edição seguinte, ao avaliarmos em supervisão sobre como seguir com o trabalho, decidimos coletivamente mudar o horário do grupo para 19h até às 21h pois muitas pessoas chegavam atrasadas por causa do trânsito que enfrentavam durante o deslocamento até a UERJ.

Em todos os encontros a equipe de atendimento chega 30 minutos antes do horário combinado. Chamamos esse tempo de pré-sessão. Este momento é combinado para que possamos ter um tempo juntas em que conversamos sobre como estamos, como foi o dia e como chegamos para atender. Assim como, ao final do encontro, temos a pós-sessão. Ficamos mais 30 minutos juntas para falar como foi o encontro para cada uma, o que gostamos ou não, o que foi desafiador,

o que levaremos para a supervisão e, por fim, como estamos saindo.

### 3.1 Deslocamentos pandêmicos: com-por no plano virtual

Em 2020, com os impactos da *covid-19* e a necessidade de isolamento social, as atividades na UERJ foram suspensas e conseqüentemente os encontros do COM- POR também. Enquanto todo o mundo buscava estratégias de como seguir a vida e continuar as atividades de maneira remota, eu, que antes era estagiária do Laboratório afeTAR, me formei em psicologia.

Com muitas questões a respeito do estágio *online* em debate, entendemos que seria possível a retomada dos encontros remotamente se eu, como uma profissional formada e com registro ativo, estivesse atuando como psicóloga responsável pelo grupo. Assim, foi possível retomar os encontros de maneira remota com todas as participantes. Nessa modalidade ainda atuamos com 5 pessoas compondo a equipe de atendimento, sendo eu psicóloga formada e as outras 4 estagiárias em psicologia<sup>39</sup>. O número de participantes poderia chegar até 10, mas a frequência variava bastante devido às mudanças que todo mundo enfrentou com a pandemia.

Para os encontros de maneira remota utilizamos uma plataforma *online* para vídeochamadas e também criamos um grupo no *Whatsapp* para facilitar a comunicação com as participantes e o envio do *link* para os encontros. Nesse novo formato os encontros têm duração de 1h30 com as participantes. As pré e pós- sessões da equipe de atendimento continuam acontecendo 30 minutos antes e depois dos encontros.

Decidimos coletivamente em supervisão reduzir o tempo dos encontros, pois, apesar da modalidade remota parecer menos cansativa (porque não há necessidade de deslocamento físico de um lugar para o outro), entendemos que o movimento de estar em frente às telas é muito desgastante física e mentalmente. O *online* requer outro tempo, outros modos de nos relacionarmos. Em uma vídeochamada não conseguimos manter o fluxo de uma conversa como conseguimos pessoalmente. É difícil interromper alguém ou concordar

---

<sup>39</sup> Nesse intervalo uma outra estagiária também se formou

verbalmente com uma fala sem que todas parem e perguntem "Oi? Você falou alguma coisa? Não te ouvi direito".

O *online* ao mesmo tempo em que nos possibilita seguir com o cuidado remotamente traz consigo algumas questões com as quais precisamos conviver. É necessária muita paciência com as conexões que oscilam bastante dependendo do dia, horário, clima e outras condições que desconhecemos. Com isso, alguém eventualmente é interrompido no meio de sua fala porque sua conexão caiu ou deixade ouvir o outro porque sua própria internet está ruim.

Para seguir de forma remota alguns acordos importantes foram firmados com o grupo como, por exemplo, estar com as câmeras ligadas durante os encontros já que só poderíamos ver uns aos outros dos ombros para cima. Essa impossibilidade de visualizar o outro de corpo inteiro era mediada com a nossa atenção mais atenta aos rostos, expressões e gestos possíveis de serem percebidos por meio do posicionamento de cada câmera. Havia também o combinado de buscar participar dos encontros em um cômodo fechado de modo a assegurar minimamente a privacidade. Enquanto uma fala, as outras devem manter seus microfones desligados porque isso nos ajuda a escutar melhor quem está falando.

Precisamos aprender a lidar com um silêncio diferente. Aquele em que acontece quando temos a impressão de que a nossa internet caiu e por isso todo mundo está congelado. Ou um silêncio que ocorre porque alguém terminou de falar e os olhos passeiam pela tela para perceber se alguém vai ligar o microfone e falar antes de você. O silêncio que habita quando alguém é interrompido em sua fala por falha na conexão e todas ficamos atentas à espera de que essa pessoa retorne logo para a chamada e possa continuar de onde foi parada.

#### **Trecho do Diário de campo**

*Ao contar sobre sua semana, uma das participantes do grupo fala sobre as oscilações de emoções que viveu nestas últimas semanas. Tudo isso está relacionado a uma questão da sua relação com seu namorado. Contou assim, de maneira bem superficial. É como se ela contasse mas sem querer dar muitos detalhes. Perguntamos se ela gostaria de falar sobre isso com o grupo, e então ela continuou dizendo que tinha a ver com querer se vingar. "Não vou fazer isso, não quero". Mas confessou querer provocar o mesmo sentimento que ela sentiu de ser preterida. Entretanto, disse que tomou consciência que não é assim, vingativa, e chorou por ficar nesta dualidade. Uma outra participante do grupo afirma que é importante dizer o que estamos sentindo para o outro, dizer sobre os nossos sentimentos, mas confessou que às vezes não está bem, mas*

*também não fala. O grupo se engajou na conversa. Falamos sobre lidar com algo que não esperamos do outro e sobre se sentir preterida. À medida em que nos aprofundamos no assunto, uma das câmeras fechou ficando apenas a foto em nossas telas. Após compartilhar sua questão com o namorado, a participante se afastou do encontro desligando a câmera e o microfone e, quando lhes dirigimos a palavra, usou o chat para se expressar. Brevemente, utilizou o microfone para se comunicar informando que não estava bem e que preferia ficar com a câmera desligada. Entendemos que, tal assunto atingiu uma ferida ali que estava germinando e quando tocada se transbordou e, conseqüentemente, se reverberou em seu corpo e principalmente em suas emoções.*

(SANTOS, trecho do diário de campo, 2019)

Com a impossibilidade de um abraço, segurar as mãos ou até mesmo oferecerem lenço em alguns momentos que vivemos nos encontros, aprendemos a lidar com o silêncio que se faz quando nos solidarizamos com alguém. Aprendemos a cuidar melhor dos nossos gestos e feições para nos aproximarmos mais umas das outras pelo contato virtual. E compreendemos que brigar com a internet que caiu ou que travou a chamada é uma batalha perdida. A gente usa a criatividade para seguir se cuidando mesmo quando essas coisas acontecem.

#### 4. CUIDADO PARA QUEM?

##### Trecho do Diário de campo

*Estamos na pós sessão. Eufóricos. Loucos para comentar como foi o encontro de hoje. É possível perceber isso porque não esperamos todo mundo entrar no link da vídeo chamada compartilhado em nosso grupo do whatsapp da equipe de atendimento para começar a falar como nos sentimentos. Uma de nós já entrou falando que quando ela ia se despedir do grupo, ao ligar o microfone, ela apertou o botão errado e saiu da chamada. E então quando ela retornou já não havia mais ninguém na chamada do encontro. E tanto faz. O encontro foi incrível como um abraço e a despedida não importou muito. Neste encontro falamos muito sobre dizer não para os outros e como isso diz de um autoconhecimento de seus limites, até mesmo sobre se priorizar e não se doar por inteiro ao outro. Conversamos sobre o quanto isso é muito difícil entre pessoas negras, mesmo com a consciência da importância, pois a solidão da mulher e do homem negro não está apenas nos relacionamentos amorosos. Mas também está em ser aceito em qualquer tipo de relacionamento. E por conta desta solidão, somos levadas a continuar servindo a todos, como numa lógica escravocrata, independente das nossas condições físicas ou psicológicas, na busca de ser querida ou querido. Entre muitos comentários que fizemos, como a falta de alguém, ou quão boa e oportuna foi uma intervenção, embaraços que tivemos em alguns momentos, um de nós diz que o encontro foi super importante para ele porque ele está nesse processo de ser honesto consigo mesmo também.*

(SANTOS, trecho do diário de campo, 2021)

Apesar de haver diferenças entre as participantes e a equipe de atendimento nos encontros, o cuidado coletivo entre pessoas negras opera em com uma pele coletiva. Nós cuidamos e somos cuidadas. Somos cuidadas e também cuidamos. Quando ofertamos cuidado para a população negra, ainda que nós não sejamos as pessoas específicas que usufruem desta oferta, também somos cuidadas como população. Fazemos parte do coletivo e da rede que está sendo criada ali.

No encontro do diário citado acima, as participantes trouxeram questões muito importantes como a liberdade de poder dizer "não" para as outras pessoas. Seguimos compreendendo que o dizer não ao outro pode significar dizer sim para si mesma. A percepção de si mesma, das suas potencialidades e também limites nos facilita dizer não ao outro entendendo que, de fato, não nos é possível ajudar, não temos condições para tal.

Comumente ouvimos pessoas dizerem da dificuldade em dizer não para as outras pessoas. As motivações podem ser muitas: evitar desagradar o outro, evitar conflitos, entre outras. Para pessoas negras, essa questão tem um a mais: evitar a solidão. Conhecemos bem a solidão da mulher negra, mas com esse encontro

aprendemos um pouco mais sobre a solidão das pessoas negras. A solidão da qual me refiro não se restringe à mulher e nem à questão afetivo-sexual, é um tanto mais abrangente.

Para caminharmos juntas nessa questão é super importante nos situarmos onde este trabalho está circunscrito. Estamos em 2021, falando do Brasil, o último país da América a abolir a escravização. Esse dado é importante, pois, apesar da escravização ter sido abolida em 1888, a lógica escravocrata ainda permanece no modo como nos relacionamos. Autores como o antropólogo e professor brasileiro-congolês Kabengele Munanga (2010), chamam isso de “mito da democracia racial brasileira”. Ele explica que o racismo é muito dinâmico no tempo e espaço, dessa forma temos dificuldade em "decodificar" as manifestações do racismo. Logo, os brasileiros dizem que não são racistas mas na verdade o modo como o racismo acontece apenas foi atualizado e não opera mais do mesmo modo que no tempo da escravização. Assume novas formas, às vezes mais sutis e, justamente por isso, mais difíceis de combater.

A ideologia do racismo tem raízes tão profundas na formação social brasileira que temos que levar em conta uma série de formas de comportamento, de hábitos, de maneira de ser e de agir inerentes não só ao branco (agente) como ao negro (paciente). Principalmente, é da parte do negro que se necessita esclarecer todo o produto ideológico de quatro séculos de inexistência dentro de uma sociedade da qual participou em todos os níveis. (NASCIMENTO, 2006, p.101)

### **Trecho do Diário de campo**

*Abrimos a sala e conversamos um pouco. Todo mundo um pouco cansado, mas animado para o próximo encontro do grupo. Mandamos o link para os participantes e um dos membros da equipe colocou a música Nectar - Raveena*

*para  
tocar: "Procurando por néctar"*

*Afeto e verdade  
Querida, ooh,  
querida Eu peguei o  
néctar  
Carinho e verdade,  
querida Ooh baby  
Néctar,*

*carinho*

*"*

*Uma música suave, gostosa de ouvir. Acho que tem a ver com como chegamos para o atendimento. Em seguida começou a tocar Bença - Djonga: "Vó, como cê conseguiu criar 3 mulheres sozinha  
Na época que mulher não valia nada?  
Menina na cidade grande, no susto viúva  
E daquela cor que só serve pra ser abusada  
Você não costurou só roupa, né  
Teve que costurar um mundo  
De trauma,  
abdicação, luta Pra hoje*

*falar com orgulho*

*Que essa família não tem vagabundo"*

*Começamos. Notei o fone e microfone diferente de uma das participantes. Nos últimos encontros o áudio e imagem dela eram bem ruins. Hoje o áudio é excelente, e a imagem também, está bem clara. Ao questionar o grupo sobre como foi a semana, uma participante disse que a semana foi boa, encontrou alguns amigos e apenas ontem ela teve uma questão de autoestima. Reparo que a olheira está mais marcada do que o comum. Ao contar da semana, outra participante menciona ter feito escova no cabelo e o cabelo ficou liso mesmo depois de lavar. Disse que ficou 4 anos sem fazernada no cabelo para passar pela transição. Por fim diz que achou ela se sentiria pior do que está, mas ficou bem. Ela mesma cortou o próprio cabelo. Disse que tomou muitos cuidados antes de fazer a escova, foi no salão de uma amiga confiável e perguntou várias vezes sobre o que estava sendo passado no cabelo dela. Infelizmente isso não foi suficiente, no fim não adiantou. Ficou desesperada, coração acelerado e então pensou "calma, não tem mais jeito", foi pro youtube e começou a ver vídeo de pessoas que passaram pela mesma situação. Ela disse que se acalmou e que é assim quando coisas desse tipo acontecem, fica preocupada mas age racionalmente. E agora não vai fazer mais esse tipo de procedimento. Ela estava pensando em fazer luzes, mas já sabe que vai dar ruim. Disse que quando não sai como o esperado, é olhar racionalmente e ver o que dá pra tirar disso. Uma outra participante interrompeu a fala e disse que xingaria a cabeleireira. A maior questão para ela era colocar a perder em um dia, um processo de anos. Conversamos sobre a palavra transição e os processos envolvidos nisso. O quanto de histórias e significados nós carregamos nesse tempo de esperar crescer o cabelo crescer no tamanho que a gente quer. Para nós, enquanto pessoas negras, isso diz sobre nossa estética, aparência, autoestima.*

(SANTOS, trecho do diário de campo, 2021)

Sendo assim, pessoas negras, no Brasil, continuam sendo tratadas como inferiores, seguem tendo menos oportunidades de existir, permanecem encaradas como animais. A complexidade que esses fatos adicionam às relações nos forjam na solidão ainda que entre nós mesmos. Dessa forma, a lógica escravocrata é atualizada e nos mantemos servindo ao outro voluntariamente ao estarmos sempre disponíveis para fazer algo na expectativa de nutrir relacionamentos que nos permitam escapar da solidão.

#### **Trecho do Diário de campo**

*Uma participante retoma a palavra "frustração" dita por um componente da equipe de atendimento, falando que isso emerge de quando se ajuda o outro. Também fala sobre ele dizer que queria que as pessoas se doassem também por ele, assim como ele faz. Disse sobre esperarmos algo do outro, e ele não conseguir corresponder nossas expectativas. Outro participante fala que temos o que é possível para esse outro nos oferecer. Fala sobre a namorada ter ido ficar com ele, que esse foi o que ela pôde oferecer. Outra participante diz que também se sente frustrada, mas que lembra do que o amigo dela disse sobre as pessoas darem o que é possível para elas. Diz que agora ela não tem muita expectativa, e tenta lidar do jeito que ela pode. Outra participante fala que até pouco tempo atrás se doava muito e não tinha retorno. Também diz que sentia que às vezes fazia "alarde", e que isso a tornou uma pessoa muito rude e quando*

*aprendeu a não se doar na mesma medida ouviu que ela não se importava.*

(FONSECA, trecho do diário de campo, 2021)

Em "Racismo Estrutural", Silvio Almeida (2018) explica que o racismo estar na estrutura social se trata do modo "normal" como se estabelecem as relações em geral (políticas, familiares, econômicas, entre outras), e não de uma patologia social. Todavia, essa afirmação não significa que o racismo não possa ser combatido, tampouco que as pessoas que o cometem não devam ser responsabilizadas. Mas sim que um enfrentamento exclusivamente individual não é suficiente para combater um produto produzido por muitos outros mecanismos.

#### **Trecho do Diário de campo**

*Uma pergunta paira no ar para o grupo: como elas avaliam o "não" nas relações interpessoais, como elas pensam que esse não impacta na relação. Juliana diz que não houve mudança, amizade sempre foi a mesma, uma vez que ela sempre se posicionou de forma coerente com o que sentia e sempre teve consideração pelos demais. Raquel responde em relação a situação que narrou no início, afirmando que "não se importa" com o que os outros pensam porque é chato ter que ficar justificando o não. Ester também fala de um caso específico familiar com a mãe e diz que nesta situação houve impacto a partir do momento em que ela impôs limites. Lúcia fala sobre "consideração"... Ester diz que começou a colocar limites recentemente, em prol de novas experiências. Raquel diz que em muitos momentos se anulou para dar assistência aos outros, porém passou a perceber que quando os papéis se invertem a empatia não é a mesma que doava, assim ela passou a mudar, a se impor limite. Juliana diz que consideração nem sempre é sobre estar presente fisicamente. João pergunta como o "não" reverbera no corpo delas, qual significado é atribuído a este não Ester diz que é difícil dizer não, mas a experiência pós-não a faz se sentir melhor, sente tranquilidade, mas é tenso porque considera que impor limite é também sobre romper coisas. Juliana diz que dizer não traz tranquilidade, traz receio de desconfortar o outro. No entanto, entende que se anular para agradar o outro é muito pior do que falar um "não". Raquel diz que as pessoas criam expectativa esperando um sim, e quando recebem uma negativa elas não sabem como lidar. (VALE, trecho do diário de campo, 2021)*

É sobre isso que essas mulheres estão falando quando dizem o quanto é difícil dizer não. Elas estão tão acostumadas a agir assim, elas foram ensinadas a ser assim, a dizer sim o tempo todo. Afinal, seus corpos pretos, por si só, já eram um incômodo. Dizer sim sempre é um modo de poder continuar existindo, causando menos constrangimentos. Esse modo de viver é tão intenso que faz parte da gente de maneira que se torna contraditório negar algo ao outro. No encontro do diário de campo supracitado, uma das participantes compartilha que mesmo sem condições de ajudar, sente dificuldade em dizer que não pode ajudar. É como se ela sempre tivesse que abrir mão de tudo e qualquer coisa para ajudar

outras pessoas.

Um homem negro, estudante de psicologia e um dos estagiários da equipe de atendimento, compartilha o quanto este encontro o fortaleceu no processo de ser honesto consigo, respeitando as suas potencialidades e também os seus limites. Apesar desse encontro ter sido composto apenas por participantes mulheres, o que ele expressa para nós na pós-sessão é justamente o quanto essa questão nos afeta como população: quando cuidamos dos nossos, coletivamente, isso nos fortalece em nossos processos, ainda que pareçam individuais. "Nossa! Foi incrível ouvi-la porque eu estou vivendo exatamente o mesmo processo de ser mais honesto comigo mesmo. Isso me ajudou muito"<sup>40</sup>. Afinal, como parte da população negra, todas nós enfrentamos muitas das mesmas questões trazidas pelas participantes. O letramento racial em ação permite que os cuidados se transformem e componham formas circulares, espiraladas.

#### **Trecho do Diário de campo**

*Uma de nós, da equipe de atendimento, fez uma observação muito boa sobre como estava sentindo o grupo naquele momento, dizendo que estava com o coraçãoquentinho. Isso gerou um movimento que tornou o grupo mais próximo, bagunçou esse lugar de "terapeuta e paciente" porque começamos a nos colocar também e falar de como sentimos essa afetividade nos eventos familiares que contém a comida. Eu senti que esse encontro me alimentou com uma alegria, doçura, que faz muito bem, sobretudo, nesses tempos tãoodíficeis que estamos vivendo. Como diria Emicida "tudo que nós tem é nós". E hoje eu pude observar o que é essa dupla face que tanto falamos quando explicamos sobre o nome do grupo COM-POR. Esse hífen é uma ponte de mão dupla, em que o eu-tu, encontra-se e vira um nó, que forma um "nós". Que bonito foi poder viver esse encontro, que bonito foi ver como nos cuidamos entre nós. Se Emicida canta "porque a vida é tão amarga na terra que é da cana-de-açúcar" o encontro de hoje nos mostrou que existe sempre a esperança de semear a doçura e de subverter essa amargura mesmo que por um breve instante. Na pós sessão falamos o quanto este encontro nos fez bem, inclusive para um de nós da equipe de atendimento que na pré- sessão compartilhou estar vivendo uma exaustão no cuidado com sua avó e relembrou sua situação com a de uma das pessoas que atendemos. Disse que veio para o encontro porque sente falta de estar em outras atividades, fazer outras coisas. Ao final: "Estou saindo com o coraçãoquentinho e me sentindo bem alimentado." (Fonseca, trecho do diário de campo, 2021)*

---

<sup>40</sup> Trecho do diário de campo

## 5. ESTARMOS JUNTOS

A com-posição do grupo com pessoas negras apenas não consiste na crença de que só pessoas negras podem e devem atender umas às outras. Desejamos que pessoas negras possam e devam ser atendidas por qualquer pessoa, desde que esta tenha consciência das implicações raciais que envolvem ser uma pessoa negra no Brasil assim como ser uma pessoa branca, e os efeitos que isso produz na vida, no corpo, na saúde mental de uma pessoa negra. Bem como as responsabilidades e o privilégio de ser uma pessoa branca.

Num estudo sobre psicoterapia com pessoas negras realizado por Gouveia e Zanello (2019), uma das mulheres entrevistadas relata ter encontrado limites na psicoterapia realizada com uma psicóloga branca. Entretanto, mesmo ao encontrar uma psicóloga negra, a entrevistada relata ter sentido reservas, pois percebeu que a profissional era "[...] desprovida do conhecimento de sua própria história e subjetividade." (p. 8). Assim, apesar de haver expectativa de ser melhor acolhida por uma pessoa negra em relação às questões raciais, ela não necessariamente é correspondida quando a profissional não tem consciência dos processos vividos (ainda que por ela mesma) coletivamente.

O uso das teorias euro-americanas, que universalizam a pessoa branca, faz com que o atendimento de pessoas negras gere mais violência. Isso aponta para a ineficácia da psicoterapia, além de mais adoecimento da população negra. Muitos atravessamentos dizem respeito a essa falta de preparo. Um que podemos destacar é a falsa democracia racial, que limita os avanços no debate e na compreensão do racismo e suas implicações presentes mesmo após a abolição da escravização. E, conseqüentemente, a falta de abordagem desse assunto na formação das profissionais.

Segundo Jaileila Menezes, Saiane Lins e Juliana Sampaio (2019), a universidade é um espaço privilegiado de produção de conhecimento, logo, a escolha dos conteúdos e autores abordados é uma decisão política, pois essa composição agencia os modos de ser — nesse caso, modos de ser psicóloga. Dessa forma, quando se privilegia conteúdos de perspectiva colonial, sem uma revisão crítica de seus currículos, a universidade reitera o epistemicídio, a invisibilização da contribuição epistemológica de grupos sociais e historicamente

subalternizados.

Para as autoras Gouveia e Zanello (2019), a formação precisa abarcar as atuais falhas de forma diferente para estudantes brancas e negras. Para as profissionais brancas, ela precisa prover a consciência do sofrimento de base racial, e a consciência de sua própria identidade racial; para as negras, um movimento que as conduza para a elaboração própria de suas questões raciais. Acredito que apesar de abranger questões diferentes, a abordagem desses temas nas disciplinas avançaria nas questões das pessoas negras e brancas. Afinal, o racismo está colocado para toda a população de maneira diferente, mas está.

Como estudante de psicologia, não tive aula com nenhuma professora negra do meu instituto e tive poucas professoras que tocavam nas questões raciais em suas aulas. Algumas alunas ainda arriscaram abordar o tema em suas participações nas aulas, mas muitas vezes eram ignoradas ou tinham como resposta que este não era um fator que tivesse importância em determinados assuntos. Assim, com mais essa falta de acolhimento, encontramos as saídas umas nas outras. À medida que tomávamos consciência da falta de pessoas negras nas salas de aula, tanto de estudantes quanto de professoras, e da falta da discussão racial nas teorias ensinadas, nos uníamos e criávamos nós mesmas esses debates.

Nos intervalos entre uma aula e outra, nos tempos vagos, nas reuniões do Coletivo Neusa Santos de Psicologia da UERJ: esses eram os momentos em que podíamos falar sobre a importância de um letramento racial para o exercício da nossa profissão. Estar juntas foi se tornando cada vez mais uma necessidade, chegando ao ponto de preferirmos fazer as matérias juntas, ficar juntas nos intervalos, procurar estágios onde as outras disseram terem se sentido bem acolhidas. E foi assim, de maneira orgânica, que nos demos conta de estarmos muitas de nós reunidas em um mesmo estágio, por exemplo, de modo a nos tornarmos maioria naquele espaço.

Estar juntas não tinha a ver exclusivamente com estudar e relacionar questões raciais com a psicologia. Estar juntas passou a ser um modo de assegurar nosso lugar nos espaços da universidade. Era o momento em que nos fortalecíamos para retornar às salas de aula brancas privilegiadas nas quais não nos encaixávamos e não éramos ouvidas. À medida que nos fortalecíamos como

população, era possível pensar com Neusa Santos, Maria Aparecida Bento, entre outras mulheres negras e importantes na psicologia do Brasil, como realizar uma prática não universal.

Compreendo que esse movimento de estarmos juntas possa ser traduzido por quilombamento. Para Abdias Nascimento (2009), os quilombos no Brasil durante o período escravocrata nascem da "[...] necessidade urgente para o negro de defender sua sobrevivência e assegurar sua existência de ser." (p. 202). Mais do que um lugar, trata-se de um movimento que inicialmente foi improvisado e urgente, mas se transformou "[...] em metódica e constante vivência dos descendentes de africanos que se recusavam à submissão, à exploração e à violência do sistema escravista." (p. 203).

Para Nascimento (2009), independente da sua aparência e objetivos, os quilombos desempenharam uma importante função social para a população negra e sua sustentação. "Genuínos focos de resistência física e cultural." (p. 203). O autor também cita centros, afoxés, escolas de samba, entre outros movimentos, como "quilombos legalizados". Entretanto, tanto estes quanto os ilegais carregavam uma afirmação única de integração da prática de libertação e apropriação do comando da própria história.

O quilombismo, esse complexo de significações, tem relação com estratégias e táticas de sobrevivência. Com o tempo, tem se revelado potente mobilizador da população negra, atualizando-se de acordo com as necessidades do povo, do tempo histórico, do meio geográfico. O fundamento ético do quilombismo é assegurar a condição humana do povo brasileiro. Como um conceito histórico-cultural tem o objetivo de definir conceitos ou princípios a partir da experiência de vida das pessoas negras coletivamente a fim de aumentar nossa capacidade de luta. (NASCIMENTO, 2009).

Ainda hoje em dia, estar juntas não é um movimento fácil para as pessoas negras. Uma das maiores perdas que tivemos com a colonização foi a separação do nosso povo. A primeira aconteceu quando fomos sequestrados, separados de nossas terras, nossas famílias, nossas identidades. A segunda foi com o movimento de branqueamento que aconteceu no Brasil, que dividiu a população negra em diversas tonalidades de pele. A princípio esse movimento de identificar-se com o branco e diluir as características das pessoas negras parece um

movimento de inveja e de descontentamento com a sua condição de negro. Entretanto, Maria Aparecida Bento (2003), nos afirma que este foi um processo criado pelas pessoas brancas da elite brasileira.

Rodrigues (1939) assegurou que os intitulados de mestiços ou pardos não conformavam uma raça, porém produto da fusão das raças negra, indígena e branca, ao tempo em que os classificou como um grupo composto de mulatos,<sup>41</sup> decorrente da miscigenação entre o branco e o negro; mamelucos, descendentes dos mestiços do branco com o índio ou do branco com o mulato portador de mais características do negro. Os concebeu, do ponto de vista do racismo científico, como seres inferiores, dada a influência de seus ancestrais selvagens: os negros e os povos indígena. (CHAVES, 2003, p. 32)

O entendimento de que o processo de embranquecimento era a chave para o desenvolvimento do Brasil, somado ao medo do branco de que as pessoas negras e suas características se disseminassem e dominassem a população, fez com que se investisse na imigração por meio de políticas que incentivaram a vinda dos europeus para cá) e na miscigenação como mecanismos de extermínio das características negras na população. No entanto, a miscigenação não eliminou as características negras, ela produziu variações de características físicas, como da cor da pele, por exemplo.

A miscigenação resultou, no Brasil, na discriminação por marca. Esse tipo de preconceito é baseado nas características físicas individuais de cada pessoa. Quanto mais suas características físicas se aproximam da branca, ou se distanciam da negra, é possível que essa pessoa seja tolerada em alguns espaços. Sendo assim, a forma como ele acontece é indefinida, visto que os comportamentos variam dependendo de quem julga, das características de quem está sendo julgado, do relacionamento estabelecido por quem observa. Diferentemente, nos Estados Unidos, a discriminação é de origem, ou seja, o preconceito está relacionado com a ascendência da pessoa, independente de suas características físicas. Logo, as diferentes características físicas não são determinantes das formas de relacionamento, de acordo com Oracy Nogueira (2007), homem branco, sociólogo brasileiro.

Já no Brasil, sem uma definição do branco e não branco, as pessoas

---

<sup>41</sup> Não mudamos o termo por ser uma citação direta, mas afirmamos que não usamos o termo mulato por entender ser um termo racista. Pessoas negras descendentes de casais interraciais foram por muito tempo chamadas de mulatas. O termo adota o prefixo de mula (*mulus*, em latim). A mula é um animal do cruzamento do cavalo com a jumenta ou do jumento com a égua. Sendo assim, consideramos este um termo pejorativo e que não deve ser usado para se referir a pessoas negras

negras, de maneira muito comum, passaram a ser identificadas por diversos adjetivos para mencionar suas características negróides. Os mais comuns são os tons de pele que passaram a ser distinguidos como morenos, moreno-claros, moreno-escuros, entre outros. A ideia era que quanto mais próximos pudéssemos ficar e nos identificar com a da raça branca, melhor. Conseqüentemente, a discriminação em maior grau estavadada para as pessoas com a pele mais escura. Dessa forma, a população negra foi dividida, não havia mais possibilidade de reconhecimento de uma identidade comum. Neusa Santos Souza (1983, p.77), mulher negra, psiquiatra e psicanalista brasileira, menciona que "[...] no Brasil, nascer com a pele preta e/ou outros carcateres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial não organiza, por si só, uma identidade negra." Por isso, ser negro é um vir a ser à medida que se adquire consciência disso e se luta para que seassegure respeito a qualquer diferença, e dignidade.

Arrisco dizer que, apesar de estarmos caminhando na compreensão de como o racismo acontece no Brasil, a vida subalterna que vivemos, a necessidade de encarar muitos turnos de trabalho e atividades para nos mantermos vivos também nos separam, desunem. Existe uma estrutura robusta, poderosa para manter o estabelecido no sentido de que, mesmo quando identificamos tais questões, sempresomos impedidos de avançar por outros atravessamentos sejam eles psicológicos, físicos, estruturais.

Ao escrever sobre a ascensão da pessoa negra, Neusa Santos (1983), menciona que, afastado de seus valores e heranças religiosas, o negro perdeu seu referencial e tomou o branco como a única possibilidade de tornar-se gente. Acredito que isso tenha muita influência no fato, inclusive, de escolhermos nos relacionar mais com pessoas brancas sempre que podemos. À medida que nos tornamos negras, temos consciência desses processos e nos engajamos em um movimento de autonomia de nossa própria identidade e isso muda a nossa perspectiva e a nossa preferência por nos relacionarmos com pessoas negras.

Quando nos juntamos na universidade, rompemos com muitos processos de desarticulação e não identificação que sofremos desde o período escravocrata. Estarmos juntos diz respeito a um fortalecimento de uma identidade única que nos foi tirada há tanto tempo e mantida distante por muitos processos. Ao nos

aquilombarmos, estamos resistindo a todos esses mecanismos criados para nos manter separados e criando estratégias para um outro modo de existir. Estamos nos fortalecendo mais do que individualmente, como população. Tratando-se da mo universidade, estamos nós, produzindo conhecimento sobre nós e que possa cuidar de nós, tornando-a mais plural. Trazendo referências de intelectuais negras e negros que não participavam dessa formação, ocupando espaços, tornando-se referência e fazendo alianças para combater o racismo.

## CONCLUSÃO

A colonização como o processo que teve como parte o sequestro de pessoas negras do continente africano para o Brasil, forçando-as ao trabalho escravo por mais de 300 anos deixou como legado não apenas dor, morte e sofrimento dos nossos antepassados, mas um modo racista de se relacionar na política, economia e relações cotidianas que se manteve mesmo após a abolição. Como bem afirma Silvio Almeida (2018), não se trata apenas de um conjunto de ações mas de uma condição de subalternidade e privilégio, o primeiro para as pessoas negras e o segundo para as pessoas brancas.

Esta condição que perdura conta e reconta uma história única a respeito das pessoas negras. Chimamanda Adichie (2019) diz que contar história e fazê-la uma história única sobre algo ou alguém tem a ver com poder. A história única da população negra no Brasil não tem a ver apenas com uma representação inferior, mas sim com uma condição de existência que tem consistência em diversas áreas da configuração social em que vivemos. Condições que para além de determinarem a existência, faz morrer alguns corpos e viver outros. Esta soberania é o que Joseph- Achille Mbembe (2016) chama de necropolítica, um poder social e político que faz morrer.

Atentar-se para a estrutura social que oprime uma população específica é poder cuidar de uma prática não individualizante e culpabilizadora da pessoa negra, mas levar em consideração que condições colocadas a elas estão sustentadas por esta determinada estrutura social. Tal estrutura cria e mantém condições para que grupos racialmente identificados sejam discriminados. Dizer que o racismo estrutural existe não é afirmar que ele é uma condição incontornável, mas é dizer que ele é parte de um processo social. Isso não retira a responsabilidade das pessoas na luta antirracista, pelo contrário, entender que o racismo não precisa de intenção para se manifestar torna as pessoas mais responsáveis por se engajarem em práticas profissionais e atitudes cotidianas antirracistas. Afinal o silêncio é ética e politicamente responsável pela manutenção do racismo. (ALMEIDA, 2018).

Das diversas violências que sofremos, uma delas tem a ver com a retirada da nossa história, fomos privados de qualquer imagem do passado Dery (1994).

Assim, as condições supracitadas em que o racismo nos coloca, faz com que a expectativa de futuro para nós seja cada vez menor. Esta expectativa está para pessoas negras, assim como também para pessoas brancas, entretanto de maneiras diferentes. Por exemplo, a partir da raridade ou da ausência de pessoas negras nas produções de ficção científica, é possível inferir que não há desejo de que pessoas negras estejam neste futuro.

O afrofuturismo como movimento artístico que toma as produções de ficção científica colocando as pessoas negras não apenas no futuro, mas como protagonistas deste mundo é a afirmação política de que elas sobreviveram ao genocídio, à pobreza, à falta de oportunidades. Para Yaszek (2013) é usar o passado e o presente para reivindicar um futuro. Ainda de acordo com a autora, é a possibilidade de sermos cidadãs e cidadãos no moderno mundo global. É criar possibilidades presentes e futuras em que, nós, pessoas negras, existimos. É mostrar que é possível construir outras realidades além do que já temos.

Neste trabalho afirmamos o COM-POR como o afrofuturismo em ação porque a partir do cuidado da saúde mental da população negra podemos não apenas criar, mas possibilitar que pessoas negras estejam vivas amanhã. Trata-se de possibilitar qualidade de vida além de sobrevivência. Afinal, uma das violências exercidas sobre as pessoas negras, no pós-abolição, é o embranquecimento em que Carone (2003) afirma que negamos nosso próprio corpo e mente para ser aceito. Desta forma, pessoas brancas mantêm esta história que sustenta a população negra em condições de subalternidade, produzindo violência sobre o próprio corpo e mente, enquanto asseguram seus privilégios de acordo com o que Maria Aparecida Bento (2003) nomeia de pacto narcísico da branquitude.

Os estudos em psicologia sobre a branquitude, o branqueamento e seus efeitos sobre a identidade étnico-racial da pessoa branca foram e são muito importantes para pensar a psicologia no Brasil. Aqui, o pensamento psicológico se desenvolveu a partir de outros saberes, para assim adquirir seu próprio espaço. No período colonial as preocupações psicológicas estavam muito atreladas à medicina e à educação, preocupados em encontrar soluções para uma nova ordem social. Desta forma, o pensamento psicológico foi se desenvolvendo atendendo ao movimento colonial de justificar e legitimar a exploração. Quando o Brasil se torna império, há um foco nas questões sociais, mas não um compromisso social com a

maior parte da população. Ideias higienistas e eugenistas, pautadas pelo poder médico, vinculam a precariedade da saúde e higiene às questões psicológicas. Como uma relação de causalidade relacionada às características físicas das pessoas negras. (SANTOS, SCHUCMAN E MARTINS, 2012)

Mesmo após se estabelecer de forma autônoma, no final do século XIX, a psicologia continua produzindo conhecimento que justifica as desigualdades sociais estabelecidas desde a colonização. Inspirada nas produções da Europa e dos Estados Unidos em que primeiro a psicologia se tornou uma área do saber independente, Nina Rodrigues definiu Darwinismo Social, no qual as diferenças eram justificadas por características inatas que determinavam a superioridade e a inferioridade das pessoas. (SANTOS, SCHUCMAN E MARTINS, 2012)

A construção histórico-social é muito importante para compreendermos a psicologia que temos hoje, o que ela produz e a serviço de quem está o que é produzido. Não temos a pretensão de tirar consequências de todos os aspectos que envolvem o surgimento da psicologia do Brasil, não foi este o objetivo. Mas, assim como no afrofuturismo, é importante retomar o passado para pensar o presente e criar novos futuros.

Muitas autoras e autores, inclusive mencionados aqui, já estão construindo uma psicologia antirracista. O Conselho Federal de Psicologia criou uma resolução e diversos materiais a respeito de relações raciais que estabelecem diretrizes para uma prática antirracista. Entretanto, ainda precisamos avançar. Com Gouveia e Zanello (2019) é possível compreender que apesar dos materiais já elaborados e das pesquisas já realizadas, as pessoas negras ainda têm dificuldades em serem acolhidas em psicoterapias. As autoras elencam a ausência da temática racial na formação dos estudantes de psicologia.

Diante de todas essas questões, é que nasce o COM-POR, fruto de relacionamentos construídos na universidade a fim de criar espaços de fortalecimento em rede, em que uma pele coletiva foi com-posta. Esta pele coletiva acolhe a população externa, à medida em que dedicamos uma prática de cuidado considerando todas as especificidades que envolve ser uma pessoa negra no Brasil. Assim como também acolhe as estudantes e os estudantes negros que têm sua formação cuidada por um estudo e prática que não ignora toda a relação da psicologia com o racismo e a necessidade de reparação nesta área do saber.

Ademais, professoras e estudantes brancas e brancos que acompanham este trabalho têm a oportunidade de se letrar racialmente e com-por práticas antirracistas na psicologia.

Acreditamos que este trabalho é possível porque ele acontece coletivamente. Não há como vencer uma estrutura construída há tantos anos, sob tantos corpos, sozinha. É preciso sermos mais de um, é preciso estar junto. Afinal, Mungi Ngomane(2020) nos ensina que o que fazemos tem impacto não apenas na nossa vida, mas também na vida de outras pessoas. Assim como nós, pessoas negras, nos juntamos na universidade a fim de nos acolhermos e nos cuidarmos para permanecer no espaço acadêmico, o COM-POR é um convite à coletividade para a construção do futuro. Uma estratégia política em que lutamos pela existência da população negra, mas não apenas com a população negra.

O COM-POR é um quilombo, um espaço com o objetivo de definir conceitos e princípios para uma prática antirracista a partir da experiência de vida das pessoas negras coletivamente. (NASCIMENTO, 2009) É assim que ele desempenha sua ação afrofuturista não apenas criando, mas possibilitando na prática de uma psicologia antirracista que novas histórias possam ser criadas e com isso outros amanhã sejam possíveis para a população negra, mas não apenas com ela, com-pondo com todos.

## REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história única. TED. 2009. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=D9lhs241zeg>>. Acesso em: 13 dez 2019.

ADICHIE, Chimamanda. O perigo de uma história. São Paulo: Companhia de letras, 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, jan./jun. 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>. Acesso em: 10 jan. 2021.

BICUDO, Virginia Leone. Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo. *Sociologia*, São Paulo, Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, v. 9, n. 3, p. 196-219, 1947.

BRITO, Monique Araújo de Medeiros. Retirância-mulher: uma epistemologia nordestina produzida COM as extra-vagâncias e assentamentos da vida. Tese (Doutorado em Psicologia Social). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social- Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2021.

CÂNDIDO, João. [Diário de campo]. Rio de Janeiro, 2021.

CARONE, Iray. Breve histórico de uma pesquisa psicossocial sobre a questão racial brasileira. (p. 13-23). *In*: CARONE, Iray & BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.), **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

CHAVES, Evenice Santos. Nina Rodrigues: sua interpretação do evolucionismo social da psicologia das massas nos primórdios da psicologia social brasileira.

**Psicologia em Estudo**, [s. l.], v. 8, n. 2, p. 29-37, 26 mar. 2004. DOI <https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000200004>. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S1413-73722003000200004>. Acesso em: 16 jun. 2021.

COSTA, Pedro Henrique Antunes da; MENDES, Kíssila Teixeira. Colonização, Guerra e Saúde Mental: Fanon, Martín-Baró e as Implicações para a Psicologia Brasileira. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, [s. l.], v. 36, 2 dez. 2020. DOI <https://doi.org/10.1590/0102.3772e36nspe14>. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e36nspe14>. Acesso em: 4 out. 2021.

DERY, Mark. "Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose". *Flame wars. The discourse of cyberculture*. Durham and London: Duke University Press, 1994.

EVARISTO, Conceição. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas; Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FONSECA, Sonalle. [Diário de campo]. Rio de Janeiro, 2021.

GOUVEIA, Marizete e ZANELLO, Valeska. Psicoterapia, raça e racismo no contexto brasileiro: experiências e percepções de mulheres negras. **Psicologia em Estudo** [online]. 2019, v. 24 [Acessado 22 Agosto 2021] , e42738. Disponível em:

<<https://doi.org/10.4025/psicoestud.v24i0.42738>>. Epub 20 Dez 2019. ISSN 1807- 0329.

hooks, bell. Intelectuais Negras. **Estudos Feministas**, [s. l.], p. 464-478, 1 jan. 1995. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/16465/15035>. Acesso em: 2 jul. 2021.

hooks, bell. Linguagem:: ensinar novas paisagens, ensinar novas linguagens. **Estudos Feministas**, Florianópolis, p. 857-864, 10 set. 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2008000300007/9136>. Acesso em: 4 maio 2021.

hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação**. [S. l.]: Editora Elefante, 2019. 298p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó. 2019.

Maio, Marcos Chor. A contribuição de Virgínia Leone Bicudo aos estudos sobre as relações raciais no Brasil. In: Bicudo, Virgínia L. *Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo* São Paulo, Sociologia e Política, 2010a, pp.23-60.

MARTÍN-BARÓ, Ignácio. O papel do psicólogo. **Estudos de Psicologia**, [s. l.], p. 7-27, 1 jan. 1996. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epsic/a/T997nnKHfd3FwVQnWYYGdqj/?format=pdf&lang=pt> . Acesso em: 8 jun. 2021.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Arte & Ensaios**, [s. l.], p. 123-151, 1 dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993/7169>. Acesso em: 14 set. 2021.

Menezes, Jaileila Araújo, Lins, Saiane Silva e Sampaio, Juliana Vieira.

PROVOCAÇÕES PÓS-COLONIAIS À FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA. **Psicologia & Sociedade** [online]. 2019, v. 31 [Acessado 12 Janeiro 2022], e191231. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31191231>>. Epub 02 Set 2019. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2019v31191231>.

MUNANGA, Kabengele. Teoria social e relações raciais no Brasil contemporâneo. **Cadernos Penesb**, Niterói, n. 12, p. 169-203, 2010.

NASCIMENTO, Abdias. Quilombismo: um conceito emergente do processo histórico-cultural da população afrobrasileira. (p. 197-218). *In*: NASCIMENTO, Elisa (Org.). **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NASCIMENTO, Beatriz. Por uma história do homem negro. *In*: RATTIS, Alex. **Eu sou Atlântica**: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento. Instituto Kwanza. 2006.

NOBLES, Wade. Sakhu Sheti: retomando e reapropriando um foco psicológico afrocentrado. *In*: NASCIMENTO, E. L. (Org.) **Afrocentricidade**: uma abordagem epistemológica inovadora. São Paulo: Selo Negro, 2009.

NGOMANE, Mungi. **Ubuntu**: Lecciones de sabiduría africana para vivir mejor. Barcelona, 1. ed. Grijalbo Ilustrados, 2020.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social, revista de sociologia da USP**, [s. l.], v. 19, ed. 1, p.287-308, 1 nov. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/MyPMV9Qph3VrbSNDGvW9PKc/?lang=pt&format=pdf> . Acesso em: 22 jul. 2021.

PIZA, Edith. Porta de vidro: entrada para a branquitude. (p. 73-115). *In*: CARONE, Iray & BENTO, Maria Aparecida Silva (Orgs.), **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **La Globalización del derecho**: los nuevos caminos de la regulación y la emancipación. Bogotá, Colombia: IISA; Universidad Nacional de Colombia, 1988.

SANTOS, Loíse Lorena. [Diário de campo]. Rio de Janeiro, 2019. SANTOS, Loíse Lorena. [Diário de campo]. Rio de Janeiro, 2021.

SILVA, Luiz Fernando Martins da. **Estudo sociojurídico relativo a implementação de políticas de ações afirmativas e seus mecanismos para negros no Brasil**: aspectos legislativos, doutrinário, jurisprudencial e comparado.

Rio de Janeiro, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social. Rio de Janeiro. Ed. Graal, 1983.

SOUZA, Waldson Gomes. **Afrofuturismo**: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea. 2019. 102 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

VALE, Ruan. [Diário de campo]. Rio de Janeiro, 2021.

YASZEK, Lisa. "**Race in Science Fiction: The Case of Afrofuturism.**" A Virtual Introduction to Science Fiction: Online Toolkit for Teaching SF. 2013. Disponível em: <[http://virtual-sf.com/?page\\_id=372](http://virtual-sf.com/?page_id=372)>. Acesso em: 30 set. 2021.